

3 1761 07046354 2

Vidoeira, Pedro  
Lyrica popular

PQ

9261

V473L9







PEDRO VIDOEIRA

---

# Lyrica Popular

Com uma carta do eminente poeta

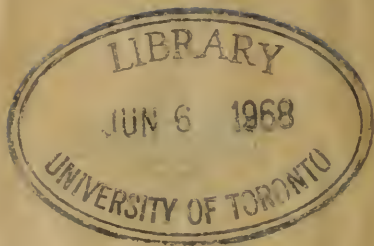
*JO. ÌO DE DEUS*



JOSÉ BASTOS, EDITOR  
ANTIGA CASA BERTRAND  
73, Rua Garrett (Chiado) 75, Lisboa

1895

F. 2  
926  
V475L<sup>o</sup>



## Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João de Deus

Meu illustre e preclaro poeta

Consinta que n'estas linhas lhe dedique a presente *Lyrical* — fructo de algumas horas de ocio e de uma desculpavel tendencia para distracções inoffensivas.

E' sem valor a offerta, como despretencioso o trabalho que a ella deu origem.

Os que possuem muito de sua casa, como o glorioso auctor do *Campo de flores*, não precisam que os pobres lhes venham lançar joias no regaço. Mas são tambem os ricos, d'essa grande riqueza chamada inspiração, aquelles que nunca deixam de receber benevolos quem á porta lhes bate a pedir hospitalidade.

Não extranhe pois que, n'um sentimento de respeitosa deferencia, me atreva a offerecer-lhe um livro, cuja publicação só poderá correr mundo, amparada pelo prestigio do seu nome.

Despretencioso trabalho chamo eu á minha *Lyrical*; e creia, meu caro João de Deus, que não pretendo, n'uma designação de falsa modestia, dissimular latentes e insoffridas vaidades de trovador.

Intentei n'esse trabalho imitar o lyrismo popular que, pela sua espontanea simplicidade, tão de molde é feito para suggestivamente prender e captivar sympathias.

Foi n'esse lyrismo de singellos versos, em que se costunça dizer

tudo que se sente e sentir tudo que se diz, que eu busquei estudar e reproduzir as diversas impressões do povo.

O proposito, por accessivel, não deixava de offerecer seus embaraços. Em poesia, a simplicidade torna-se tanto mais esquivada, quanto menos ella tem a soccorrel-a a grandeza das imagens e as pompas do estylo.

Sendo a poesia popular tudo que ha de mais natural, por feliz me julgarei se, de longe em longe, as minhas quadras fizerem lembrar o modelo que me propuz seguir.

E era de tentar o modelo.

Se as estrophes levantadas dos poetas arrebatam e commovem, os cantares ingenuos da multidão attraem e encantam; visto como é n'esses cantares que, desde tempos remotissimos, espalha o povo a plenas mãos os thesoiros da sua alma.

Porque, aos thesoiros da alma do povo, junta o meu caro João de Deus os primores do seu altissimo espirito; porque do sentir do povo foram sempre os seus dulcissimos versos a mais nitida e fiel interpretação, é que eu ousou invocar toda a sua indulgencia em favor da minha *Lyrica*.

Se ella nada vale por si, que lhe sirva de apresentação o seu amoravel acolhimento.

De resto, um poeta que tem levado a vida a cantar as flores, não deixará de ser benigno com as que deponho a seus pés, só porque ellas, obscuras e modestas, não recendem aromas.

São por indole generosos os poetas de coração.

Que a sua generosidade releve o meu arrojo.

Com a mais subida consideração, me subserveo do meu caro João de Deus,

Admirador respeitoso e amigo reconhecidissimo

PEDRO VIDOEIRA.



Meu querido Vidoeira

Deixo as prodigalidades da sua carta (que eu desejo que omitta ou desbaste na edição) e vou aos versos.

Depois de uma lucta de hora e meia para me poder levantar da cama e chegar a respirar melhor ou menos mal, não se está muito disposto a consignar impressões estheticas; mas sempre lhe direi alguma coisa; isto é, vou-lhe dizer o que uma vez me disse o Sampaio da *Revolução*.

Mas antes d'isso um facto, que não vem nada ao caso, mas que tambem me lembra (e nunca me esquecerá).

Um dia, veio estar commigo um velho amigo meu chorar-se da situação em que estava, pelo senhorio lhe ter dado a elle e á familia ordem de despejo, irrevogavel, a não pagar a libra que devia.

Pegou-se-me a angustia a mim como fogo á estopa, e lancei os olhos pelo curto horisonte dos meus conhecimentos. Vejo o Sampaio; era natural pelo volume phisico e moral. Escrevo-lhe pedindo uma libra. Sampaio mandou-me 5\$000 em oiro, dizendo-me:

— E' o dinheiro que tenho; não falemos mais n'isso.

Mas o que vem a proposito é outra coisa. Disse-me elle um dia:

— Eu gosto do João, porque tem talento e alma; porque o talento, sem alma, é um brilhante flagello.

Estas palavras nunca mais me esqueceram, e talvez não tanto por me serem lisonjeiras, como pelo seu conceito e forma.

Aqui a alma é o coração, o sentimento, a bondade, o amor.

Ora pois; trago isto a proposito para lhe dizer que o meu amigo tem talento e alma; e se o que o Sampaio me disse tem algum fundamento, nós somos dois irmãos!

A quadra popular, a cantiga, essa flor da alma do povo, tem dente de coelho; é na sua pequenez um poema; a sua lucidez, a transparencia, ha de ser como a da agua das fontes, e ha de ter muita intenção ou muita graça.

O Vidoeira tem centos d'ellas admiraveis, que hão de ficar, e o que é eterno, é bello.

Accete os meus agradecimentos e parabens do coração.

S. C. 2—6—95.

JOÃO DE DEUS.

---

Amores, queixumes e desenganos

---



I

Se em meus olhos por favor  
Teus olhos se fitam bem,  
Os meus ficam a brilhar  
Com a luz que dos teus vem.

Os teus olhos verde-mar  
Qual o mar são deseguaes;  
Promettem hoje bonança,  
Dão ámanhã temporaes.

Andorinha, vôa, vôa,  
Perde as pennas a voar,  
Que eu na minha soledade  
Guardo as penas p'ra chorar.

Eu, ao ver Nossa Senhora,  
Que de mãos postas sorri,  
Salvo o devido respeito,  
Julgo estar a ver-te a ti.

Nasceste e has de morrer  
Com a manha da mentira.  
O que o berço dá, menina,  
Sómente a cova é que o tira.

Choro lagrimas sem fim  
Com saudades do meu bem,  
E, das lagrimas que eu choro,  
Saudades nascem tambem.

Quando já depois da morte  
Meu corpo esteja desfeito,  
Ha de achar-se o teu retrato  
Onde existiu o meu peito.

N'um cofre todo de prata  
Guardei a minha ventura,  
Por cautela puz ao cofre  
De segredo a fechadura.

Canta alegre o pintasilgo  
Dobrando a sua cantiga:  
Só eu não canto, que a dôr  
E' do prazer inimiga.

A côr azul de teus olhos  
Não tem parceira em valor;  
Até o céu anda a querer  
D'esse azul roubar a côr.

Teus lindos e verdes olhos  
São duas grandes mentiras;  
Que o verde é côr da esperança,  
E tu esperanças me tiras.

Já que estou doido varrido  
Por teus olhos matadores,  
Vae dizer-lhes que me matem  
E acabem com minhas dôres.

Perguntam porque é que eu choro,  
Porque é que eu hei de chorar?  
Choro ao ver-me despresado  
Por quem só quizera amar.

Ouvi dizer que os christãos  
Morriam d'antes nas chammas;  
Eu morro mais infeliz,  
Porque sei que me não amas.

O mar, de grande que elle é,  
A todos causa extranheza.  
Meu amor eguala o mar,  
Ninguem lhe mede a grandeza.

Trago-te aqui, meu amor,  
Um raminho de alecrim;  
Serve alecrim de lembrança;  
Lembra-te sempre de mim.

Se muito gosto de ver-te  
Quando saes com tua avó,  
Mais gostaria, menina,  
Se te visse sahir só.

Quando o peixe cae na rede,  
Vae n'ella a morte encontrar  
Eu cali tambem n'uns laços  
Que a vida me lãõ de custar.

Teu coração é de gelo  
E diz que tu não me queres.  
Ai! coração que não vês  
Meu coração quanto feres!

Tu és como a tangerina  
Que o sol doira de madura:  
Por fóra — toda cheirosa,  
Por dentro — toda doçura.

Visto esqueceres o amor  
Que já me tinhas jurado,  
Não jures ainda por elle,  
Que o jurar falso é peccado.

Se amanhã fizer bom tempo,  
Vem ella ver-me com a irmã.  
Ó meu rico pae do Céu!  
Não mandes chuva amanhã!

Por causa dos teu encantos  
Ando tão cheio de zelos,  
Que até me zango, se o vento  
Chega a roçar-te os cabellos.

Menina, por eu ser pobre,  
Não me negues amizade;  
Dar aos pobres é virtude,  
É obra de caridade.

Queimeí por ti aleachofras  
Em noite de S. João:  
Nenhuma d'ellas floriu. . . .  
É fresca a tua affeição.



Se na branca areia morrem  
As verdes ondas do mar,  
Ao pé da tua indiferença  
Morre aquelle que te amar.

Os teus olhos feiticeiros  
Decidem da minha sorte;  
Se me buscam, dão-me a vida,  
Se me fogem, dão-me a morte.

Se a minha amada fugisse  
Por essas aguas do mar,  
Eu seguiria atraz d'ella,  
A nadar, sempre a nadar.

Flores tu tens á janella  
De muito bonitas cores,  
Mas, se á janella tu chegas,  
Mais ninguem dá pelas flores.

Quando tu, morta de sêde,  
Na fonte a sêde matasses,  
Eu quizera ser o cantaro  
Que então á bocca levasses.

A ginja trava na bocca,  
Não é dôce como o figo;  
A ginja, por ser azeda,  
Bem se parece contigo.

Por muito que te estimei,  
Nunca vi os teus enganos.  
Terás a paga a seu tempo:  
Largos dias tem cem annos.

Conservo os beijos fechados;  
Furton-lhes risos a dor;  
Só podem agora abril-os  
Os beijos do meu amor.

Se tu, estrella na terra,  
Fosses o céo habitar,  
Nas azas do meu amor  
Ao céo te iria arrancar.

Trazes um cravo cearlate  
Que te fica muito bem,  
Mas o coral dos teus beijos  
Mais viva a côr inda tem.

Se barras de oiro me dessem  
Para não tornar a ver-te,  
Perdel-as antes quizera,  
Que ter de vir a perder-te.

Por teu pézinho, meu bem,  
Lindo pézinho sem par,  
Quantos padres dos mais sérios  
Dariam seu pé de altar!

Menina dos meus agrados,  
Porque trazes tantas rosas?  
Deixa as flores para as feias,  
São já flores as formosas.

Demorei-me á tua espera  
Raladinho de ciume,  
E tu faltaste, conforme  
É teu louvavel costume.

Se voltar um dia rico  
D'essas terras dos Brazis,  
Cubro-te o collo de perolas.  
Calço-te os pés de rubis.

A terra cheia de flores  
Annuncia grande gala.  
Sabê a terra que não tardam  
Teu pézinhos a pisal-a.

Ia a saltar a fogueira,  
Escorriguei e cahi.  
Pudera! se eu tinha os olhos  
Ambos pegados em ti!

Quem quizer ganhar alviçaras,  
Livre-me a mim de paixões;  
Que eu tragô o peito rasgado  
Por negras ingratições.

Tenho um menino Jesus,  
Vestidinho de setim,  
A quem peço a toda a hora  
Que tu só gostes de mim.

Se te visse a ti certada  
De chammas por toda a parte,  
Iria lançar-me ás chammas,  
Para das chammas livrar-te.

Tu, falando, és tão alegre  
Como o sol quando amanhece;  
Nem um canario a cantar  
Com a tua voz se parece.

Senti barulho no peito,  
Fui a ver, o que vi eu?  
Meu coração a pôr azas  
Para voar para o teu.

Fui confiar meus segredos  
A quem não soube estimal-os.  
Agora, mais cauteloso,  
Hei de no peito guardal-os.

Quando o sol vae a sumir-se  
Nas ondas do alto mar,  
Fica-me a luz dos teus ollos  
Para cá me allumiar.

As creanças mentirosas  
Levam na lingua pimenta.  
Tu tambem d'esse castigo  
Não devias ser isena.

Que lindos pingos de prata  
Que á noite brillam no céu!  
Quem pudera, meu amor,  
Com elles bordar-te um véo!

De vagar se vae ao longe,  
De vagar tujo se faz.  
Com vagar hei de eu vencer  
Os desdens que tu me dás.

Não cações do meu amor  
Que o teu amor não soccorre.  
Não cações, que n'este mundo  
Quem caçãoa tambem morre.

São meus olhos duas fontes  
Que estão mesmo a transbordar.  
Se algum bem ainda me queres,  
Ai ! vem as fontes seccar !

Busquei um dia sombrio,  
Um dia triste e agreste,  
Para enterrar minhas dores  
Nas raizes de um cipreste.

Se ella de manso no chão  
Vai os pézinhos roçando,  
O chão fica derretido,  
E eu fico o chão invejando.

Quando o sol rompe no céo,  
Morre a propria lua cheia,  
Mas a luz do teu olhar  
A luz do sol não receia.

Pedem a Deus as estrellas  
Uma coisa muito justa :  
Pedem a luz dos teus olhos  
P'ra brilhar á tua custa.

Quando eu fôr contigo um dia  
N'uma barquinha a remar,  
Da verde côr de teus olhos  
Terá ciumes o mar.

Se eu fosse dado á escripta.  
Se penna de oiro tivesse,  
Ninguem de ti poderia  
Dizer mais do que eu dissesse.

Eu jurei aos juncos verdes,  
Aos verdes juncos jurei,  
Que, se tu minha não fores,  
Eu de outra nunca serei.

São tão doces tuas falas  
Ao meu ouvido fiel,  
Que eu julgo serem taes falas  
Feitas de assucar e mel.

O olhar volve, minha ingrata,  
Para mim compadecida;  
Já que o teu desdem me mata,  
Que o teu olhar me dê vida.

Quando estou pensando em ti,  
Não sinto a minha amargura;  
Pensar no bem que se estima  
É como ter a ventura.

Os gelos do frio inverno  
Derrete-os o sol do verão;  
Mas não ha sol que derreta  
Gelos do teu coração.

Na mortalha do meu peito  
Meus desgostos escondi;  
Não quero que ninguem saiba  
Quanto padeço por ti.

Esta carta á minha ingrata  
Vae escripta n'um papel  
Que é de folhas de saudade  
Com tinta feita de fel.

Com essa linda carinha  
E o brilho do teu olhar,  
Serias até capaz  
De um morto resuscitar.

As ruas por onde passas  
Ficam logo tão cheirosas,  
Que nem que fosses, menina,  
Roseira cheia de rosas.

Para dizer por escripto  
Quanto minha alma te é grata,  
Precisava penna de ouro  
E papel feito de prata.

Tenho a tua sympathia  
Sem ter inda o teu carinho;  
Já que o unguento me deste,  
Dá-me tambem o trapinho.

Não te mostres zangadinha  
Por deixar de te apparecer;  
É que andei buscando flores  
Para t'as vir offerecer.

D'ella vivendo afastado.  
Eu não vivo d'ella ausente,  
Porque trago a sua imagem  
Sempre gravada na mente.

Sempre que vaes ao mercado  
A vender as tuas flores.  
Perdem ellas, por perder-te,  
As suas viçosas côres.

Se me tapassem os olhos  
A ponto de não ver nada,  
Ia dizer pelo tacto  
Onde estava a minha amada.

Domingo chega o meu bem,  
Ai! Deus me traga esse dia...  
Que longe do bem que adoro  
Não posso ter alegria.

Tu dizes, minha morena,  
Que nos homens não tens fé.  
Pois accita o meu amor,  
Verás que firme que elle é.

O meu destino quizera  
Que estivesse em tuas mãos.  
Nossos destinos, quem dera  
Que fossem ambos irmãos!

Puz n'um fino almofariz  
De cravos mais de um milheiro :  
Todos elles bem pisados  
Não me deram o teu cheiro.

De tal modo me prendeste  
Com tuas lindas maneiras,  
Que, tanto como eu te quero,  
Desejo que tu me queiras.

Não sei dizer d'esses olhos  
Qual o poder que elles tem.  
Sei que ao poder d'esses olhos,  
Ai! não resiste ninguem.



Ó meu lindo amor perfeito!  
Ó miuha querida flor!  
Sê tu lindo amor perfeito,  
Que eu serei perfeito amor.

Sê a rola, sendo avezinha,  
Faz sentir os seus queixumes,  
Que farei eu que por ti  
Padeço tantos ciumes!

Menina dos meus peccados,  
Tenha dó d'este infeliz!  
Sempre a dizer que me quer,  
E a faltar sempre ao que diz!

De tal maneira desbancas  
A doce luz do luar,  
Que anda a lua já com medo  
Que lhe roubes o logar.

Tens uma culpa, menina,  
Que pede serio castigo.  
És muito dada com todos,  
Arisca só és commigo.

Se qualquer moça te mira  
Da cabeça até os pés,  
Morde-se a moça de inveja  
Por não ser como tu és.

Lá para as bandas da costa  
Solta gemidos o mar,  
E eu gemo por não saber  
Como é que te hei de agradecer.

Teus olhos são de velludo,  
Tua pelle é de setim :  
Mercador d'esses tecidos  
Quem me dera ser a mim!

Chegada a hora de ver-te,  
Que pesar se te não vejo!  
Tanto pesar em não ver-te,  
Como é de ver-te o desejo.

Se a dôr pudesse matar  
Quem soffre por seus amores,  
Teria ha muito morrido  
Por tanto excesso de dôres.

Tu fizeste opposição  
Quando agradar-te busquei,  
E agora dizer não podes :  
D'esta agua não beberei.

Horas passadas contigo  
São instantes para mim ;  
Horas passadas sem ver-te  
Parecem-me annos sem fim.

Passo as noites sem dormir  
A pensar no que te ouvi.  
Se adormeço de manhã,  
Falam-me os sonhos de ti.

Ó linda rosa de maio!  
Ó minha querida flor!  
Quem pudera sempre, ó rosa !  
Conservar-te o cheiro e a côr.

Uma carta me escreveste  
Cheia de tanta doçura,  
Que eu guardo em cofre essa carta  
Como sagrada escriptura.

Affirmas que o teu amor  
Ha de tomar-me feliz.  
Duvido — que o teu amor  
Já não vale uma de x.

De dar-te a fio mil beijos  
Talvez ficasse cansado;  
Mas de certo não ficava  
De te beijar saciado.

Não vás pôr em almoeda  
Teus affectos inconstantes,  
Que, por serem conhecidos,  
Não terão arrematantes.

Tu brilhas mais que as estrellas  
D'esses espaços sem fim.  
Estrellas brilham de longe,  
Tu brilhas perto de mim.

Corro cheio de alegria  
Ao encontro do meu bem,  
Passo as horas a esperal-o,  
E por fim elle não vem!

Dens queira que todo aquelle  
Que o meu bem tente roubar,  
Perca a vista, quando o vir,  
Perca a voz, se lhe falar.

Não vivo longe de ti,  
Só vivo quando te vejo;  
Mal de ti eu me despeço,  
Tornar a ver-te desejo.

O pardal é passarinho  
Muito inconstante em amar;  
Tu também, como o pardal,  
Só gostas de variar.

Os passarinhos cantando  
Voéjam de ramo em ramo.  
Eu não canto, choro só  
Com saudades de quem amo.

Se na rua, quando saes,  
Algum moço te detém,  
Fico zangado ao lembrar-me  
Que é mais um que te quer bem.

Os teus cabellos tão negros  
A vista me deixam baça;  
Os teus cabellos são tantos  
Que nem o sol os traspassa.

Longe de ti, nem eu sei  
Para que serve olhos ter;  
Junto de ti, são meus olhos  
Pequenos para te ver.

O mar, que tem tanto fundo,  
Em tanto fundo que tem,  
Não apresenta uma perola  
Que seja igual ao meu bem.

Ao bater o sol de chapa  
No teu olhar tentador,  
Não são teus olhos que turvam,  
É o sol que perde a côr.

Se para o céu vas direito  
Quem n'este mundo fez bem.  
Por te haver deitado ao mundo,  
Lá deve estar tua mãe.

Em quanto espero por ti,  
Trago os minutos contados ;  
Chegas tu, abre-se o céu.  
Acabaram-se os cuidados.

Pelas rosas mais os cravos  
Tenho eu grande estimação ;  
Pois que, no cheiro e nas côres  
De ti lembrança me dão.

Se, vencida pelo somno,  
Teus olhos deixas fechar,  
Folgam no céu as estrellas  
Por já poderem brilhar.

Não creio que o teu amor  
Seja o que dizes que elle é.  
Quanto mais ando em idade,  
Mais desando em boa fé.

Joanna é moça bonita.  
Não lhe fica atraz Maria ;  
Se m'as dessem á escolha,  
Eu ambas escolheria.

Se á noite sonho contigo,  
É tal a força do sonho,  
Que, já depois de acordado,  
Estar a ver-te supponho.

A paixão que por ti sinto  
Occupa tanto logar.  
Que só me serve a memoria  
Para de ti me lembrar.

As lindas rosas vermelhas  
Que trazes nos teus cabellos,  
Vendo as rosas do teu rosto,  
Desbotam cheias de zelos.

Sempre commigo insensivel,  
Do meu soffrer não tens pena!  
Os teus olhos se choraram,  
Foi só em quanto pequena.

Quem pudera em cofre de oiro  
Tuas lagrimas guardar!  
Para com ellas fazer  
Um bello e fino collar.

O' nuvens! cõbri-me o sol!  
Que, indo o meu bem a passar,  
Para a terra encher de luz,  
Basta a luz do seu olhar.

Quem não queira perder tempo,  
Vá bater-te no ferrolho,  
Que é guisado o teu amor  
Que serve com todo o molho.

Os tigres são carniceiros —  
Que manso não ha um só.  
Como os tigres, tu, cruel,  
Meu peito rasgas sem dó.

Quando ella sae a passeio,  
Em signal do meu carinho,  
Quizera vêstir-lhe as ruas  
De alfazema e rosmaninho.

Ai! pudesse o meu desvelo  
Merecer-te algum apreço!  
Que, morto por merecer-te,  
Sei bem que não te mereço.

Por mais que um beijo te peça,  
Tu sempre m'ó tens negado!  
Não sejas assim, menina,  
Que um beijo não é peccado.

Todas as aguas do rio  
Vão fundir-se nas do mar.  
Só, tu, ingrata, não queres  
No meu fundir teu olhar.

Emquanto foste innocente,  
Nunca fiz caso de ti:  
Agora, que te perdeste,  
Por teu amor me perdi.

Se as chuvas da trovoadá  
Augmentam do rio as aguas,  
Tambem tu com teus desdens  
Augmentas as minhas magoas.

Vendo bonitos collares  
De bonitas contas de aço.  
O' moças! vinde compral-os:  
Cada collar um abraço.

Já que te vaes e me deixas  
Com minhas magoas a sós.  
Dá-me nas azas do vento  
Noticias da tua voz.

Diz o proverbio que a Roma  
Todo o caminho vac dar;  
Mas para o teu coração  
Não sei en caminho achar.

Para guardar minhas penas  
Tinba um cofre reservado.  
Tantas penas lá guardei,  
Que está o cofre atulhado.

Um collar de oiro te dera  
Se en t'ò pudesse comprar —  
Para o supprir, de mens braços  
Vou-te fazer um collar.

O teu seio é manjar branco  
De saboroso recheio.  
Ai! que pena que eu não seja  
O dono d'esse teu seio!

O teu seio delicado  
É monte de neve pura:  
Monte, por ser elevado;  
De neve, pela brancura.



Não ha cintura que eguale  
A cintura do meu bem,  
Nem pézinho mais pequeno  
Que o pézinho que elle tem.

Que tristes foram os dias  
Que passei sem te falar!  
Foram dias de finados  
Com sinos sempre a dobrar.

A tua cara tão linda  
Quem m'a dera para mim!  
A tua cara, menina,  
De branca lembra um jasmim.

O fogo d'esses teus olhos  
É fogo que não destrõe,  
Que, por mais que elle me queime,  
O seu queimar não me doc.

Não digo falas bonitas,  
Que eu não sei falar com arte;  
Digo só que não existe  
Quem mais do que eu saiba amar-te.

Se os pézinhos das chinezas  
Não cabem dentro da mão,  
Os teus péziuhos, amor,  
Inda mais pequenos são.

Para os gelos derreter  
De qualquer serra nevada,  
Basta o fogo que destillam  
Os olhos da minha amada.

O meu caro e doce bem  
Ha tanto me traz captivo,  
Que morro quando o não vejo,  
Que só a vel-o é que vivo.

Tu tens culpas no cartorio,  
E culpas de gravidade,  
Que o coração me prendeste  
Sem d'elle teres piedade.

Dês que perdi teus agrados  
Não tenho mais que perder ;  
Porque perdi teus agrados,  
Melhor me fôra morrer.

A doce luz de teus olhos  
Lembra um sol de primavera;  
Aquecer-me a luz tão doce,  
Ai! meu amor, quem me dera!

Chegou o triste momento  
D'esta nossa despedida!  
Tu vaes partir e, partindo,  
Deixas minha alma partida.

Não sei que encantos tu tens,  
Que perfeições são as tuas. . .  
Sei que, sempre que tu saes,  
Ha reboliço nas ruas.

Por duas negras amoras  
Podem teus olhos passar;  
Por ser guloso de amoras,  
Deixa-me os olhos provar.

Tranças e pé de tentar,  
Bocca e olhos de morrer,  
Figura e cara bonitas —  
Que mais havias de querer?

São teus olhos um enigma  
Que não chego a decifrar;  
Pois queimam sem me doer,  
E matam sem me matar.

Se alguma vespa te morde  
Essa boquinha rosada,  
Eu sinto mais que tu mesma  
A dôr de tal ferroadá.

Hoje dizes mal de mim,  
D'antes muito bem dizias.  
Se outra vez eu te quizesse,  
A dizer bem tornarias.

Taes promessas me fizeste  
Quando cahi em te amar,  
Que as promessas não suppuz  
Feitas de espuma do mar.

Já quebrei lanças por ti,  
Agora, frio de neve,  
Choro o tempò que perdi  
Com cabecinha tão leve.

São tuas finas orelhas  
Tão pequenas, meu amor,  
Que espaço n'ellas não acho  
Para um beijo lá ir pôr.

Foste inconstante em pequena,  
Inconstante em mulher feita;  
Quem torto nasce, morena,  
Tarde ou nunca se endireita.

Vi-te aos pés do confessor  
Com cara de contricção. . .  
Remorsos por me tratares  
Com tamanha ingratidão.

Meus olhos teriam gasto  
Já de todo a minha amada,  
Se ella pudesse gastar-se  
De ser por mim tão olhada.

Se o pé mostrar-me não queres.  
Quando o vestido arregaças,  
Fosquinhas, para escondel-o,  
Com tuas saias não faças.

Teu olhar macio e doce  
Parece um favo de mel;  
Mas para mim, deshumana,  
Teu olhar destilla fel.

Quando eu a vejo apanhando  
Flores da sua janella,  
Quem me dera a mim ser flor  
Apanhada por mãos d'ella!

Segredou-me o coração  
Que o meu bem é coisa rara.  
Os olhos do coração  
Vêm melhor que os da cara.

Tu, que és falsa de nascença  
E vives para mentir,  
Só deixarás de ser falsa  
Quando deixes de existir.

A' janella do meu quarto  
Conservo um lindo craveiro,  
Que rego todas as noites  
Por ter, meu anjo, o teu cheiro.

No bilhete que te mando,  
De saudades todo feito,  
Foram lagrimas a tinta,  
Penna — as penas do meu peito.

Já não sei como entender-te,  
Entender-te é um segredo;  
E's hoje torrão de assucar,  
Amanhã limão azedo.

Quando soltas pelos hombros  
Esses teus negros cabellos,  
A noite — e mais é a noite,  
Da côr d'elles mostra zelos.

Minha amada é instruida,  
Sabe ler, sabe escrever;  
Mas na cartilha do amor  
Tem commigo que aprender.

D'ella me quero queixar,  
E não sei como queixar-me;  
Pois que, má, finge ser boa,  
Para poder desarmar-me.

No jardim das minhas penas  
Colhi suspiros e ais,  
Que vou mandar de presente  
A uns amores desleaes.

Tua bocca pequenina  
Cheira melhor que jasmíns;  
Cheiro igual ao d'essa bocca  
Nem nos mais bellos jardins.

Duvidei do teu amor,  
Mas tu decerto perdôas.  
Esquecer offensas graves  
E' proprio das almas boas.

Se conmigo és orgulhosa,  
O meu melindre me feres;  
Se com meiguice me tratas,  
Fazes de mim o que queres.

Não tem o céo uma nuvem,  
Só meu peito nuvens tem:  
Tem as nuvens da saudade  
Pela ausencia do seu bem.

Se, estando a ver-te, não posso  
Ouvir-te a voz afinada,  
Que de coisas tua bocca  
Chega a dizer-me calada!

Se de novo acreditar  
No que dizes, embusteira,  
Eu perca a luz d'estes olhos,  
Cego eu fique a vida inteira!

A todas as grandes dores  
A da morte se avantajá;  
Mas, como a dôr de perder-te,  
Não creio que outra dôr haja.

Não me affrontas em dizer  
Que tens tenção de deixar-me.  
Só quando tu me deixares,  
Deixarás tu de enganar-me.

O meu amor vive ao pé  
De um viçoso jasmineiro;  
Ninguem differença um do outro,  
Ambos têm o mesmo cheiro.

Eu já conto como um bem  
Ver-te de longe sómente;  
Mas, se te vejo de perto,  
Fico doido de contente.

Mal se esconde o sol á tarde,  
Tu vaes-te logo esconder.  
Ausente o sol e mais tu,  
Dois soes eu deixo de ver.

Quizera ser como o vento  
Que passa por toda a parte;  
Se o vento eu fosse, estaria  
Sempre o cabello a beijar-te.

Filho sou de paes christãos,  
Nunca pequei por atheu;  
Mas por ti, minha morena,  
Fazia-me até judeu.

A boquinha do meu bem  
E' thesoiro sem igual:  
Tem dentes de finas perolas,  
Beiços de fino coral.

Foi minha vida um rosal  
Emquanto affectos me déste;  
Hoje, que affectos me negas,  
E' minha vida um cipreste.

Quando o sol vae surrateiro  
O teu quarto alluniar,  
Fico invejoso do sol  
Que, onde eu não vou, pode entrar.

Quizera um auno de vida  
Perder contigo a peccar;  
E depois d'esse, mais outros,  
Podendo continuar.

A tua mão esmoler  
A' minha unil-a não deixas.  
Abres a mão para todos,  
Só para mim tu a fechas!

Quanto mais deixo de ver-te,  
Quanto mais de ti me ausento,  
Mais da tua doce imagem  
Trago cheio o pensamento.

Boccas de fogo dão morte,  
Travada a guerra que seja.  
Bocca de fogo é a tua,  
Que dá vida se me beija.



Vaes tão depressa, meu bem,  
Quando segues teu camiinho,  
Que eu cuido serem teus pés  
Azas de algum passariinho.

Pelo fundo de uma agulha  
Enfiar-me andas a querer.  
Se tu és fina, eu sou grosso  
Para em tal fundo caber.

Sempre que eu sonho contigo  
Creio que estás a meu lado;  
Que, estai sonhando contigo,  
É como ver-te acordado.

Ai! pomba, doce pombinha,  
Aos meus desgostos põe fim.  
Dá-me o teu amor, pombinha,  
Abre as azas para mim.

Quando já morto me forem  
Na fria campa enterrar,  
Talvez que, vindo tu ver-me,  
À vida eu possa voltar.

Deus, que em tudo tem poder,  
Deus, que é grande em toda a parte,  
Não póde — todo poderoso —  
Fazer que eu deixe de amar-te.

O' aguas do mar salgado!  
Que os meus olhos vos não vejam,  
Pois me levaes para longe  
Quem os meus olhos desejam.

És avarenta e não torno  
Com esta palavra atraz,  
Porque sempre regateias  
Os instantes que me dás.

Desde que tu me não beijas,  
A bocca sabe-me a fel.  
Oh! vem de novo beijar-me,  
Meu rico favo de mel!

Se á rua juntos sahimos,  
Tão juntos vamos a par,  
Que juntos só parecemos  
Juntos um corpo formar.

Que tenhas novos amores,  
Isso que faz? que me importa?  
Mulher que já me enganou,  
Arreda da minha porta!

De tantas moças bonitas  
Com quem ha pouco te vi,  
Nenhuma tinha os teus olhos,  
Egual nenhuma era a ti.

Teus cobiçados carinhos  
Nunca, menina, me déste.  
Deus te pague essa virtude  
Que só commigo tiveste.

Eu julguei morrer de dor,  
Ao ver que ella me esquecia.  
O tempo veiu provar-me  
Que de dor ninguem morria.

Dês que te vi, meu amor,  
Á razão não sei que fiz;  
Choro e rio ao mesmo tempo,  
Ando triste e sou feliz.

Se essa luz do teu olhar  
Fosse por mim repartida,  
Nunca mais teriam noite  
Os dias da minha vida.

De sermos ambos um ser  
Muitas vezes me convenço;  
Que eu vivo como tu vives  
E tu pensas como eu penso.

Fechando os olhos te via  
Quando em ti punha o desejo;  
Com elles agora abertos,  
Passo por ti, não te vejo.

Da côr preta do cabello  
Que Deus te deu, ó menina,  
Tu podias, se quizesse,  
Extrahir tinta da China.

Alerta! alerta! meus olhos!  
Atenção para a janella!  
Que lá se vê entre os vidros  
Quem vos traz de sentinella.

Levou-te a morte cruel,  
Adorado amor perfeito!  
Morreste para os meus olhos,  
Vives agora em meu peito.

Se o teu amor alcançar,  
Esse amor tão desejado,  
Que mais posso eu desejar  
Que já não tenha alcançado?

Em amor julgei-te firme.  
Que tolice! que fraqueza!  
Esqueci que em variar  
É que tu só tens firmeza.

De roxos lírios um ramo  
Quiz trazer-te por lembrança;  
São roxos para dizerem  
Que tenho em ti confiança.

Dizes que vaes retirar-me  
Certo amor que me tiveste.  
Como has de tu retirar-me  
O que nunca tu me deste?

Perfeições taes como as tuas  
Cá na terra não ha vel-as;  
São do céo, que só no céo  
É que moram as estrellas.

Se a morte dura e cruel  
Me levou o meu amor,  
Que me leve a mim tambem,  
Pondo fim á minha dôr.

«Ás armas!» grito eu de prompto  
Se o meu bem vejo chegar.  
«Guarda dentro» elle responde  
Para não me incommodar.

Se o teu amor me promettes,  
Vê o que vaes prometter.  
Não faças que eu volte á vida  
Para de novo morrer.

Tenho contigo em aberto  
A minha conta de amor;  
Mas previno que a não fecho,  
Pois que sou mau pagador.

Quiz, apesar de paisano,  
Fazer-te meu pé de alferes;  
Mas tu, por causa da farda,  
A quem tem farda só queres.

Tem a terra milhões de aves,  
Milhões de peixes os mares.  
Pois tantas aves e peixes  
Não equalam meus pesares.

Geme o pombo rolador,  
Responde a pomba tambem.  
Eu gemo então noite e dia  
E a minha pomba não vem!

Tuas letras são mais doces  
Que o mais doce pão de ló.  
Mas vê, menina, que o homem  
De letras não vive só.

Sentindo a vida tão longa  
Para chorar e gemer,  
Sinto que seja tão curta  
A vida para te querer.

Quiz entrar por ver-te abertas  
As portas do coração.  
A ocasião meu amor,  
Foi que me fez ser ladrão.

Não sei dizer o que sinto  
Se com agrado me falas;  
Mas perco a minha alegria  
Se vejo que tu te calas.

Tu, entregue ao teu descanso,  
Nunca desejas cançar-te.  
Eu então tanto me canço  
Na canceira de adorar-te!

Derretem linguas de fogo  
Da fria neve a dureza;  
Só meu olhar tão de fogo  
Não derrete essa frieza!

Vê, ó ingrata, se attendes  
Meu pedido d'esta vez:  
Se o teu amor não me dás,  
Teus despezos não me dés.

Vivo a penar dia e noite,  
Ai! como nunca vivi!  
Vivo a penar pelo amor  
Que tenho e sinto por ti.

A tua imagem, meu bem,  
Traz-me o sentido suspenso.  
Se durmo, sonho contigo,  
Se accordo, logo em ti penso.

Não sei contar como foi  
Que ao teu amor me preendi;  
Sei que morro por te ver  
Desde o dia em que te vi.

Se o teu pézinho bem cabe  
N'uma caixa de rapé,  
Teu amor, que mal se enxerga,  
Dá idéa do teu pé.

Tu commigo és muito fria;  
Mas se um dia isso mudar,  
Talvez então que a frieza  
Se vá em mim acoitar.

Tua affeição que juraste  
Ser grande, firme e segura,  
Foi para mim sol de inverno  
Que apparece e pouco dura.

A soffrer penas e dores  
Vivo tão acostumado,  
Que espanto já me fazia  
Por ti não ser enganado.

Desistir eu de te ver,  
Desistir eu de te amar,  
Seria o mesmo que querer  
Com fogo o fogo apagar.

Que doce encanto me dão  
As tuas falas tão doces!  
Se não fosses de outro já,  
De mim quizera que fosses.

A morte dura e cruel  
Veiu roubar o meu bem.  
Agora que venha a morte  
Roubar-me a vida tambem.

Cego que fosse, e bem cego,  
Não chorava a luz do dia,  
Que a tua bonita imagem  
Co'os olhos d'alma veria.

A minha ingrata deixou-me  
Sem me dizer uma fala!  
Tão enxuta ella ao deixar-me,  
Como eu saudoso ao deixal-a.

Sempre que estou a teu lado,  
Não sei o caso explicar-te,  
Quantos mais beijos te dou,  
Mais beijos quizera dar-te.

Se arregaças o vestido,  
Deixando vêr o pézinho,  
Perco de todo a cabeça  
E fico pelo beicinho.

Receitaram-me um remedio  
Amargoso como fel;  
Possa eu ter para adoçal-o  
As tuas falas de mel.

Se quando vaes á igreja  
Pelos teus defunctos rezas,  
Reza por mim, já defuncto  
Por tanto que me desprezas.



No jardim dos desenganos  
Semeei muitos abrolhos,  
Que rego todos os dias  
Com as aguas de meus olhos.

O teu pé tão pequenino  
E' um pé de tentação ;  
O teu pé quizera eu sempre  
Calçar dentro d'esta mão.

Tem ella a bocca fechada  
Para não me responder ;  
Eu aberto o coração  
Para muito bem lhe querer.

Na covinha do teu queixo,  
N'essa covinha engraçada,  
Consente sempre que eu traga  
A minha bocca enterrada.

Fructas ha bem saborosas,  
Fructas que tem muito gosto ;  
Mas das fructas a melhor  
São as maçãs do teu rosto.

Tu és a rosa de cheiro,  
Eu cardo cheio de espinhos,  
Não pode nunca uma rosa  
Pelo cardo ter carinhos.

Dês que em teu rosto meus olhos  
Poisei contente e feliz,  
Nunca mais estes meus olhos  
N'outro rosto poisar quiz.

Quando estou longe de ti,  
Esperando ver-te me alento.  
Chegas tu, mata-me então  
Tamanho contentamento.

Perdi o tacto de todo  
Em feia noite sombria;  
N'isto chegaste á janella  
E mudou-se a noite em dia.

O condão que tens contigo  
Não sei eu entender bem;  
Pois tanto agradas se ris,  
Como se choras tambem.

Ha muito que ando perdido  
Por amor dos olhos teus;  
De me haver perdido assim  
Tu darás contas a Deus.

Eu bem sei que tu, menina,  
Por mim não sentes paixão,  
Que da neve tendo a côr,  
Tens de neve o coração.

Se o teu olhar dá a morte,  
Segundo ouvi já dizer,  
Ai! lança-me o teu olhar,  
Para de prompto morrer.

A tua negra traição  
Poz-me o peito n'uma chaga;  
Não tem duvida, menina,  
Amor com amor se paga.

Deixei prender-me de todo  
Pelos teus olhos inaganos.  
Serviu-me só a prisão  
Para apanhar desenganos.

Se nas aguas da ribeira  
Tu poisas o teu olhar,  
Fica a ribeira a luzir  
Como se houvesse luar.

Sem ti não sei como vivo,  
Tudo sem ti me entristece;  
Se passo um dia sem ver-te,  
Que longo o dia parece!

Esperiei um beijo de ti,  
Nunca a esperal-o estivera!  
A' minha custa apprendi:  
Quem espera, desespera.

Perdes o tempo em zangar-te;  
Não temo as tuas maneiras;  
E' por ver que não me queres,  
Que eu quero que tu me queiras.

Falaste-me ha pouco a rir,  
Como fala quem bem quer.  
Agora falas-me séria. . .  
Ninguem te entende, mulher.

Se choras, tenho vontade  
De teus olhos ir beijar;  
Que os meus beijos são remedio  
Para lagrimas seccar.

Tanto a vista ponho em ti,  
Que a ti sómente é que vejo;  
Em mais nada a vista ponho,  
Tanto pôl-a em ti desejo.

Não me quer crer o meu bem  
Por mais juras que lle faça.  
Pois ha de crer-me afinal:  
Quem porfia mata caça.

Só queima o sol com ardor  
Nos mezes quentes do estio;  
Teus olhos queimam-me a mim  
Até nos mezes de frio.

Que bem, emquanto o meu bem  
Sobre a terra viveu cá!  
Mas que pesar, desde que elle  
Debaixo da terra está!

Hontem sorrisos me déste,  
Negas-me hoje os teus olhares;  
Não me deixes ver o céo  
Para do céo me privares.

Não fujas de ao pé de mim,  
O' minha estrella de prata!  
Que, se o teu brilho me cega,  
A tua ausencia me mata.

A soffrer por causa d'ella  
Já tenho chorado tanto,  
Que até um rio fizera  
Com as aguas do meu pranto

Se o teu rosto, moreninha,  
Do fino mel tem a côr,  
Deixa que prôvem meus beijos  
Se tem do mel o sabor.

Por morte darem teus olhos  
Quer a justiça prendel-os;  
Mas tambem, por darem vida,  
Prompto irei eu defendel-os.

Se eu fosse pintor de fama  
Havia de retratar-te.  
Com tal modelo, o retrato  
Sahiria uma obra d'arte.

Levaste contigo a luz  
Que rompia as minhas trevas;  
Agora dize, ó ingrata,  
Quando é que a vida me levas?

As falas que me diriges  
De tal doçura veem cheias,  
Que eu cuido que tens na bocca  
O mel de muitas colmeias.

As tranças do teu cabelo  
São feitas de fios de ouro.  
Quem é dona d'essas tranças  
Consigo traz um thesoiro.

Se, quando soffro, appareces,  
Meu sofrimento esqueci;  
Que o soffrimento se muda  
Em prazer ao pé de ti.

Quem se excede na bebida,  
Fica tonto da cabeça;  
A mim basta-me só ver-te,  
Para que tal me aconteça.

Já doze beijos me deste  
De muito boa vontade;  
Dá-me sómente mais um,  
Para ser duzia de frade.

Branca luz enchia o céo,  
E eu cuidei que era o luar;  
Enganei-me, era o meu bem  
N'um terraço a passear.

No nosso primeiro encontro  
De fato preto appareceste.  
Por ser de agoiro essa côr,  
Depressa tu me esqueceste.

Anel de prata me deste  
Como brinde de valor.  
Se o teu anel vale pouco,  
Não vale mais teu amor.

Pela feira das Mercês  
Quatro beijos te pedi;  
Já lá vai a feira ha muito,  
Mas inda os beijos não vi.

Sempre de gelo commigo,  
Tentar rendel-a é de balde.  
Por calor em seus carinhos  
Não será que ella se escalde.

O' rio dos desenganos!  
Engrossa, faze-te mar;  
Que desejo em tuas aguas  
O meu amor afogar.

Choram meus olhos de noite,  
Choram meus olhos de dia,  
Choram por terem perdido  
Quem só lhes dava alegria.

Para abrandar minhas penas  
Tenho a tua compauhia;  
Se tu, meu bem, não vivesses,  
Não era eu que vivia.

Quando te vejo vestida  
Com teus fatos de passeio,  
Quizera ser o raminho  
Que levas preso no seio.

Para cá vens de carrinho. . .  
Podes pedir que não cedo;  
Gato que foi escaldado  
Da agua fria tem medo.

De ferro fazem-se grades  
Para cercar as prisões;  
Das tuas tranças cadeias  
Para prender corações.

Ai! nunca me digas «não»,  
Meu delicado alfenim!  
Só dizem «não» boccas feias;  
As bonitas dizem «sim».

Sendo as jóias de teus olhos  
De tão fina qualidade,  
Eu, que nunca roubei nada,  
De roubar sinto voutade.

Que de novo eu lhe quizesse,  
Muito a bem ella me disse.  
Na primeira todos caem,  
Na segunda é já tolice.

Tu me perguntas se alguém  
Amei já antes de ti.  
Não sei dizer, pois contigo  
Todo o passado esqueci.

Um desgosto do meu bem  
Um desgosto meu parece:  
Que os desgostos que elle tem,  
São como se eu os tivesse.

Para mim começa o dia  
Quando vais apparecer;  
Em quanto deixo de ver-te,  
Não deixa noite de ser.

Duas agúias a voar  
Não andam tanto caminho,  
Como a correr os meus pés  
Em busca do teu carinho.

Em te escrever uma carta  
Puz eu todo o meu engenho;  
Tu vais guardal-a no seio...  
Que inveja á carta que eu tenho!



Se ella engana o seu amor  
Para commigo falar,  
Que muito que ella tambem  
Me trate a mim de enganar?

Vou pedir para os teus olhos  
A pena de uma prisão,  
Já que os teus olhos de assalto  
Roubaram meu coração.

Se é só em sonhos que eu posso  
Alcançar de ti um beijo.  
Deus me dê sonhos contigo,  
Conforme eu quero e desejo.

Ninguem vence a minha amada  
Nas prendas da formosura:  
Mas lá emquanto a constancia  
Muda o caso de figura.

Ella a jurar que me quer,  
Eu que lhe quero a jurar,  
E qual de nós mais depressa  
O juramento a quebrar!

Dois dias que estive ausente,  
Dois annos foram. parece.  
Pois mostraste que em dois dias  
Quem não apparece, esquece.

Se os signaes brancos das unhas  
São prova de que se mente,  
Já sci, menina, que vives  
A mentir constantemente.

Fechaste a porta, cuidando  
Que d'isso pena me vinha;  
Quando a porta me fechaste  
Outra aberta já eu tinha.

De verde-negro, morena,  
E's triste como um cipreste;  
Morena que bem se vista,  
De verde nunca se veste.

De azul e branco vestida,  
Que linda estás, minha loura!  
De azul e branco vestida,  
Pareces Nossa Senhora.

Negas os beijos que deste  
Quando foste generosa;  
Esquece embora os teus beijos,  
Mas não sejas mentirosa.

Os teus carinhos promettes  
Ceder-me de mez a mez.  
N'esse caso, para amar-te,  
Devo estar esperando vez.

Quizeste ver-me a pedir  
Que me amasses por favor.  
Sou pobre, mas não costume  
Pedir esmolas de amor.

Juraste que eternamente  
Serias a minha amante.  
Durou-te a jura seis mezes —  
Não te julguei tão constante.

Menina, se me não queres,  
Não fujas por minha ternura;  
Que o querer bem é voluntario,  
Não se dá por escriptura.

Porque tu já me deixaste,  
Não cuides que peorei.  
Depois que tu me deixaste,  
Melhor amor encontrei.

Levava á Rosa uma rosa  
Quando a Julia me encontrou,  
E a rosa que era da Rosa  
Nas mãos da Julia ficou.

Eu, generoso, a ceder-te  
O meu amor iuteirinho;  
Tu, somitica, sem dares  
Do teu um só boccadinho!

Amante, quizera ver-te  
Como as rainhas n'um throno;  
Amaute, sigo-te os passos  
Como um cão segue o seu dono.

Cruzar no céo una estrella  
Da minha janella vi;  
Ia tão branca e luzente  
Que eu contigo a confundi.

Das cartas que tu me escreves  
Já tenho cheio um cabaz.  
Vê se mandas menos cartas  
E mais carinhos me dás.

Das cartas que te escrevi  
Não ha novas, nem mandados.  
Quem quer, vae; quem não quer, manda —  
Bem certos são os dictados.

Das cartas que te mandei  
Fazer-se um monte podia;  
Por não ser firme esse monte,  
De ti lembrança daria.

Que o seu amor não mudava  
Ella jurou muita vez;  
E o seu amor punha escriptos,  
Mal ia passado um mez!

Por seres muito friorenta  
Buscas do fogo o calor.  
Vem antes, filha, aquecer-te  
No fogo do meu amor.

O jardim da minha esperança  
Perdeu de todo a verdura;  
Para seccal-o, bastou  
Faltar-lhe a tua ternura.

Tenho preso o coração  
E não quero desprendel-o.  
Foi o laço que o prendeu  
Um fio do teu cabello.

Cravos e lirios pisados  
Cheirosas essencias dão.  
Por ti pisado, o meu peito  
Dá gemidos de afflicção.

Os figos de capa rôta  
São dos figos os mais doces.  
Quem dera que para mim  
Um d'esses figos tu fosses !

Todo o captivo deseja  
Seu captiveiro perder ;  
Mas eu, captivo por ti,  
Captivo quero viver.

Quando tu aos céos subires,  
Que funcção irá nos céos !  
Até S. Pedro á entrada  
De archanjos fará trophéos.

A teu respeito não sei  
Ter seguro pensamento,  
Que tu mudas n'uma hora  
Tanto ou mais que um catavento.

Mata-me a luz dos teus olhos,  
E en bemdigo a minha sorte,  
Que a vida perder não custa,  
Dando teus olhos a morte.

O metro matou o palmo —  
O palmo já nada val' ;  
Mas teu palmicho de cara  
É de um valor sem equal.

Dois luzentes pirilampos  
Teus olhos parecem bem,  
Que não só luzem de noite,  
Senão de dia tambem.

Branquinha qual uma pomba,  
São de pomba os teus olhares;  
Só azas não tens de pomba  
Para commigo voares!

De brilhantes muito finos  
São os orvalhos de agosto;  
De jóias mais preciosas  
Os encantos do teu rosto.

Se tu, ó Rosa, deixasses  
Que eu fosse o teu jardineiro,  
Não eras Rosa de nome,  
Serias rosa de cheiro.

Dois pardaes vi a beijar-se  
N'uma seara de trigo;  
Só tu recusas, meu bem,  
Fazer o mesmo commigo!

O sol que tudo alumia  
Deixa á noite de brilhar;  
Mais que o sol, de noite e dia  
Brilha sempre o teu olhar.

Se mãe tiveste inconstante,  
De imital-a andas tu perto.  
Quem sae aos seus, moreninha,  
Não degenera — é bem certo.

Dormindo estava o meu bem,  
Fui-lhe um sapato furtaar;  
Quiz ver se ás moças servia —  
Nenhuma o poude calçar!

Rua Bella da Rainha, (\*)  
Que é das ruas principaes,  
Só é bella e da *rainha*  
Quando tu por ella vaes.

Em quanto, longe de ti,  
Eu de ti guardo as lembranças,  
Tu aos teus novos amores  
Vaes dando novas esperanças.

Qual de nós, se eu me ausentar,  
A' dor será mais propenso:  
Tu que em mim tão pouco pensas,  
Eu que em ti sómente penso?

No céo ninguem vê o sol,  
E na terra a neve cae!  
Que frio que ha de sentir  
Na fria cova meu pae!

Gelam as aguas da fonte,  
Gelam os rios tambem!  
Que frio que hão de sentir  
As cinzas de minha mãe!

(\*) Nome official da rua da Prata em Lisboa.

## AS QUATRO OPERAÇÕES

Na taboada do amor  
Leio ha muito de eadeira.  
Faço as quatro operações  
Todas certas á primeira.

A somnar, sommo tres beijos  
Que já dei, com tres a dar,  
E junto depois mais seis,  
Para a duzia arredondar.

Agora a diminuir —  
Se moça penas me aponta,  
As penas lhe diminúo  
Tomando-as á minha conta.

Forte sou a multiplicar,  
E, sempre que eu multiplique,  
Não haja medo, não haja,  
Que deserto o mundo fique.

Finalmente a repartir  
Ninguem mostra mais preeceito,  
Que eu reparto pelas moças  
Os carinhos do meu peito.

Feitas assim d'este modo  
As taes quatro operações,  
Na taboada do amor  
Sei que posso dar licções.



## II

Tens um olhar, moreniinha,  
Como não ha outro assim;  
De doçura para todos,  
E só de fel para mim!

Visto que é só para mim  
Que o teu olhar é de fel,  
Quando tenhas de falar-me,  
Vê se o adoças com mel.

Eu dormia descansado;  
N'isto accordo de repente  
Ao dizer-me o coração:  
«O teu bem cahiu doente.»

Corro a casa do meu bem;  
Doença grave elle tinha.  
Ai! que é bruxo o coração,  
O coração adivinha!

Propoz-se a votos no céo  
Qual feria mais valor,  
Se o brilho do sete-estrello,  
Se da lua o resplendor.

Notou-se empate nos votos  
Depois de haver discussão;  
N'isto apparecem teus olhos,  
Cae n'elles a votação.

Da aurora roubaste as côres,  
O brilho do sol roubaste,  
E ás mais bonitas das flores  
O fino cheiro tiraste.

Vae a aurora, o sol, as flores  
Reuniram em congresso,  
E querem chamar doutores  
Para intentar-te um processo.

Hoje vi a miuha amada;  
Que bonita que ella ia!  
Mas não me deixou seguil-a  
Uma velha que a seguia.

E para mim como olhava  
A tal velha d'uma figa!  
Que prompto esquece uma velha  
Quanto fez em rapariga!

A Luizinha amuada  
No noivo pespega um beijo,  
E acode: «Não foi de pazes;  
Foi por matar um desejo.»

— Foi por matar um desejo?  
Responde o noivo a bom rir;  
Deus queira que taes desejos  
Se tornem a repetir.

Enviou á terra o sol  
Um commissario instruido,  
A buscar duas estrellas  
Que do céo tinham fugido.

Depois do tal commissario  
Correr semanas seguidas,  
Foi as estrellas achar  
Nos teus olhos escondidas.

Mal o momento chegou  
De me soltar de teus braços,  
Já não sei onde é que estou,  
Não me atrevo a dar dois passos.

Não me atrevo a dar dois passos  
Sem de novo ir abraçar-te;  
Pois, se vivo nos teus braços,  
Sinto que morro ao deixar-te.

O cheiro d'essa boquinha  
E' cheiro superlativo;  
Nem juntos cravos e rosas  
Teem cheiro tão activo.

E mal a gente de longe  
A tua boquinha avista,  
Parece logo que entrou  
Na loja de um perfumista.

Ouvi hoje á tua porta,  
 Inda mal rompêra o sol,  
 Um concerto de avezinhas  
 Que regia um rouxinol.

Perguntei-lhes o motivo  
 De tão alegre alvorada.  
 «Festejámos, responderam,  
 «Os annos da tua amada.»

Ella voltava da fonte,  
 Trazia o cantaro cheio;  
 Furta-lhe o noivo um abraço,  
 Quebra-se o cantaro ao meio.

Quebra-se o cantaro ao meio,  
 E a moça, toda a tremer,  
 Diz para o noivo, assustada:  
 «Que se ha de agora fazer?

Amores do sol com a lua  
 Ha muito que andam tremidos.  
 Mostra-se o sol indifferente,  
 A lua solta gemidos.

A lua geme e não tem  
 A luz tão branca e tão doce. —  
 E' que o sol, dês que te viu,  
 Dos teus olhos namorou-se.

Eu cuidei que o teu amor  
 Tinha muros de eimento,  
 Muros que á prova estivessem  
 De qualquer desabamento.

E d'esta grande tontice  
A cabeça trouxe cheia,  
Até saber que os taes muros  
Assentavam sobre areia.

Quando tu vaes, meu amor,  
Nas aguas do mar banhar-te,  
O que o mar te não diria,  
Se o mar soubesse falar-te!

Se o mar falasse, diria  
Que, linda como tu és,  
Por merecer-te poria  
Todo o seu reino a teus pés.

Não sei dizer o que sinto  
Desde a tarde em que te vi;  
Sei que, a contar d'essa tarde,  
Não penso senão em ti.

Não pensar senão em ti,  
E' por certo um grande bem;  
Mas o bem maior seria  
Se em mim pensasses tambem.

Tu foste de saia verde  
Ás festas do Salvador;  
Cuidei que o verde era esperança,  
Sahiu-me falsa esta côr.

E, como alli me affirmaste  
Que em meu amor já não crês,  
Deixa o verde, toma o preto,  
Que é a côr da viuvez.

A' porta de tua casa  
Hei de fazer uma cruz,  
Arrependido bastante  
Da grande fé que em ti puz.

E n'um lettreiro direi,  
Por baixo da mesma cruz,  
Que te portaste commigo  
Como Judas com Jesus.

Vim quasi de escantilhão  
A' entrevista marcada ;  
Chego e vejo que o meu bem  
Tinha a janella fechada.

Tinha a janella fechada,  
Que o meu bem, por inconstante,  
Da janella do saguão  
Falar fôra a cutro amante.

Se tu, mulher, me trahires,  
Se eu morrer d'essa traição,  
Sobre a cova em que me enterrem  
Vae, mulher, pedir perdão.

Sobre a cova em que me enterrem  
Vae, mulher, pedir perdão,  
Que talvez inda na cova  
Por ti chore o coração.

Vi-te ha dias no pescoço  
Um enfeite de valia —  
Uma cruz de ouro polido  
Que ao longe muito luzia.

Que ao longe muito luzia,  
Que tambem ao perto luz.  
Ai! menina, quem me dera  
Ser pregado n'essa cruz!

Sempre que tenho, meu bem,  
O prazer de te falar,  
Julgo que fujo da terra  
E que vou no céo entrar.

E só quando tu me deixas,  
Depois de tanta ventura,  
E que vejo com saudade  
Que o céo foi de pouca dura.

Tive fé no teu amor,  
Estimei-te como um louco;  
Mas o teu amor sumiu se,  
Foi fumo que durou pouco.

Foi fumo que durou pouco,  
Fumo que o tempo varreu,  
Antes fosse o meu amor  
Fumo tambem como o teu.

No nosso primeiro encontro  
Quasi de min te apartas'e;  
Depois mudaram os tempos  
E tu com elles mudaste.

E mudaste, meu amor,  
De um modo tão singular,  
Que és tu hoje que tens medo  
Que eu possa vir a mudar.

As ondas do teu cabelo  
Trazem o mundo espantado.  
Prouvera a Deus que me visse  
Em taes ondas mergulhado.

Se em taes ondas mergulhasse,  
Não me havia de afogar,  
Que tinha perto um pharol  
Nas luzes do teu olhar.

Eu vivia sem cuidados,  
Era feliz e ditoso ;  
Mas vi-te um dia, e depois  
Nunca mais tive repouso.

Por alcançar teus agrados,  
Tudo que amava esqueci.  
Mas nem por isso maldigo  
Esse dia em que te vi.

Quando tu, ó meu amor,  
Te spartas de ao pé de mim,  
Os dias annos parecem,  
Os dias nunca tem fim.

Os dias nunca tem fim,  
A julgar pelo que vejo,  
Ou, se lhes dá para andar,  
Andam como um caranguejo.

Quem me dera aquelle tempo,  
Tempo feliz dos amantes,  
Em que tu, posta á janella,  
Ouvias os meus descantes.



Áquelle tempo feliz  
Agora tu fazes figas,  
Que moças como tu és  
Não vivem já de cantigas.

De tal modo me preendi  
Nos laços do teu amor,  
Que, se um dia m faltasses,  
Eu morreria de or.

E morreria de dor,  
Porque deixar de te ver  
Seria maior desgraça  
Que a desgraça de morrer.

Eu não me esqueço, menina,  
Que agua molle em pedra dura,  
Segundo resa o rifão,  
Tanto dá até que fura.

E se o teu peito é de pedra  
Nas durezas para mim,  
As aguas d'estes meus olhos  
Hão de abrandal o por fim.

Dobro o ferro sem esforço,  
Tão rijo tenho o meu braço;  
Mas a ti é que não dobro,  
Por mais esforços que faço.

Não dobro, nem dobrarei,  
E creio n'isto não erro;  
Pois teu peito é de um metal  
Muito mais duro que o ferro.

O teu pézinho, menina,  
E' tão pequeno e veloz,  
Que podia até calçar-se  
N'uma casquinha de noz.

N'uma casquinha de noz,  
Toda a verdade não é,  
Que talvez n'uma avelã  
Possa calçar-se o teu pé.

Já te gabei o pézinho,  
E da mão não disse nada,  
Quando a mãozinha que tens  
Lembra' mãozinha de fada.

Tão pequena e tão bonita,  
Outra nunca vi assim,  
Tão branca, não é de carne,  
E' fina mão de marfim.

A tua mão pequenina  
Some-se ao dar-se-lhe um beijo;  
Acene-me ella de longe  
E tu verás se a não vejo.

E tu verás se a não vejo;  
Pois se tens a mão pequena,  
E' grande á vista que tenho  
Quando a tua mão acena.

Negras nuvens, grossos pingos  
Lançam n'um jorro sem fim.  
Tantos pingos, quantas lagrimas  
Choram as nuvens por mim.

E tanto já corre fama  
Que os teus desprezos me dóem,  
Que até as nuvens do céu  
Do meu penar se condóem.

Tinge-se o céu de vermelho,  
Quando vem rompendo a aurora,  
Mas, se acaso ella te avista,  
Confusa foge e descora.

Confusa foge e descora,  
E vae chorando o seu mal,  
Aos echos do céu dizendo  
Que és tu a sua rival.

Por não saber a razão  
Da frieza que te via,  
Fui pedir ao sol de agosto  
Se tal frieza aquecia.

— Não podes ser attendido,  
Disse-me o sol sem detença,  
Que a frieza do teu bem  
Não tem cura, é de nascença.

O mar parece um leão  
Em horas de temporal.  
Meu cioso coração  
E' tambem ao mar equal.

E' tambem ao mar equal,  
Rompe como elle em rugidos,  
Mas, depois do temporal,  
Como elle solta gemidos.

A' Mãe divina eu daria  
Um Menino feito em cera,  
Se a minha pomba innocente  
Seus agrados me cedêra.

E se aos agrados a pomba  
Juntasse beijos tambem,  
Então não sei que daria  
A' nossa divina Mãe.

As minhas rezas de infancia  
Ha muito já esqueci;  
Não tem bocca para rezas  
Quem põe os olhos em ti.

Quem põe os olhos em santa,  
Como tu és, tão bonita,  
Só em teu amor tem fé,  
E' só n'elle que acredita.

Já que tu me tens tratado  
Com deshumano rigor,  
Desprezando por acinte  
As minhas juras de amor ;

Deus queira, como castigo  
Do deadem que achei em ti,  
Que ames quem te não ame  
E soffras como eu soffri.

Os teus olhos são luzeiros  
De uma luz tão viva e pura,  
Que parecem dois pharoes  
A brilhar em noite escura.

E, de ver tanto a miudo  
Os teus olhos a brilhar,  
Até creio que elles bastam  
Para a terra alumiar.

Que viuvinha tão linda  
Que eu tive no meu viveiro !  
Bateu as azas, fugiu,  
Fartou-se do captiveiro.

Fartou-se do captiveiro,  
Buscou abigo melhor.  
Deus queira que nos seus vôos  
Não acerte inda peor.

Estala o raio e parece  
Que fica a terra abalada ;  
Ella esconde-se em meus braços,  
E eu peço mais trovoadas.

E o raio torna outra vez  
A fazer grande estalada ;  
E ella, com medo a principio,  
Tambem já quer trovoadas.

São teus dentes um rosario  
Do mais polido marfim.  
Antes fossem punhaes de aço  
Que se cravassem em mim.

Que se cravassem em mim  
Por muitas horas seguidas,  
Para sentir a ventura  
De abençoar suas feridas.

Ella disse que por mim  
Um fogo ardente sentia ;  
Mas o fogo amorteceu,  
Conforme o tempo corria.

E tanto o fogo depois  
Se deixou amortecer,  
Que era preciso assopral-o  
Para de novo elle arder.

Do grão que á terra se lança  
Tira a lavoira producto ;  
Eu então lanço-te olhares  
Que se perdem sem dar fructo.

Que se perdem sem dar fructo,  
Por mais cuidados que emprego.  
Pois, a perder meus olhares,  
Mais me valêra ser cego.

As saudades n'um canteiro  
Duram tanto com o as rosas ;  
As saudades no meu peito  
Todo o anno estão viçosas.

E, para estarem viçosas  
E até crescerem aos mólhos,  
Bastam as aguas sahidas  
Das nascentes dos meus olhos.

Quando formos á Egreja  
E eu puder chamar-te minha,  
Descerá do céo a Virgem  
A servir-nos de madrinha.

E tambem por convidados  
Os anjos todos virão,  
Com suas roupas de gala  
E cirios bentos na mão.

Em troca dos meus carinhos  
Sómente aggravos me déste.  
N'esse teu peito, ó ingrata,  
Coração nunca tiveste.

Mas eu risco da memoria  
Os aggravos que me déste,  
E se o bem que fiz esqueces,  
Esqueço o mal que fizeste.

Um casal de rouxinoes  
Fui no meu peito guardar,  
Para sahir do meu peito  
Só em noites de luar.

E os rouxinoes em taes noites  
Irão dizer-te cantando,  
Que por ti ando perdido,  
Que perdido por ti ando.

Se a minha pomba adormece,  
Não me arreccio por ella,  
Que os anjos todos do céu  
Fazer-lhe vão sentinella.

E os anjos do céu tomaram  
O caso tanto a seu cargo,  
Que, se eu mesmo quero vel-a,  
Me gritam: Passe de largo!

Coraes, perolas na bocca,  
Fios de oiro no cabelo,  
Fazem que em dons de riqueza  
Sejas um lindo modelo.

Mas tem cuidado, menina,  
Guarda bem essa riqueza,  
Não venham alguns ladrões  
Fazer d'ella sua preza.

Parei defronte da casa  
Onde te vi tantas horas.  
Como tudo está mudado,  
Depois que tu lá não moras!

Depois que tu lá não moras  
Tem a casa um ar tão serio,  
Que, em vez de alegre capella,  
Parece-me um cemiterio.

Como a hera que se prende  
Ao vallado em que nasceu,  
Assim tambem meu amor  
Ao teu amor se prendeu.

Ao teu amor se prendeu  
Com tamanha solidez,  
Que, ainda quando o cortassem,  
Rebentaria outra vez.

Juraste-me eterno amor  
Pelas festas do Natal.  
Quando a Paschoa estava á porta,  
Já nem pensavas em tal.



Já nem pensavas em tal,  
Porque em teu peito o amor  
Vive tanto, como vive  
Nos canteiros uma flor.

Se, depois da minha morte,  
Voltar á vida pudesse,  
A' morte sujeitaria  
Quem teus agrados tivesse.

Quem teus agrados tivesse  
Não me havia de escapar,  
Que eram de mais n'este mundo  
Dois homens para te amar.

Em constancia e lealdade  
As tuas prendas são taes,  
Que eu até penso em gabal-as  
Por annuncios nos jornaes.

Mas, ir gabar essas prendas  
Talvez que fosse arriscado;  
Guardal-as só para mim  
E' muito mais acertado.

Tens nos olhos uma luz  
Que ninguem pode fitar;  
E nas pestanas agulhas  
Que muito devem picar.

Guardada d'essa maneira,  
orre perigo quem te vê;  
Mas de correr esse perigo  
Quem me fizera a mercê!

Fiz um rosario das lagrimas  
Que derramei pela ingrata,  
E rezo n'esse rosario  
Em quanto a dor me não mata.

Em quanto a dor me não mata,  
Só hei de rezar assim,  
Para que os outros amantes  
Exemplo tomem de mim.

Quando o meu bem apparece  
A' noitinha pelo eirado,  
Torna a ser dia outra vez,  
Fica o céo illuminado.

De uma luz tão clara e viva  
O céo começa a brilhar,  
Que eu ponho os olhos no chão  
Por ter medo de cegar.

Andei por terras distantes,  
Fui á India de visita,  
Mas não vi por lá carinhas  
Como a tua tão bonita.

Como a tua, tão bonita  
Nem na mesma Andaluzia;  
Como as rosas d'essas faces  
Nem rosas de Alexandria.

Sou pobre, pobre pedinte,  
Como pobre extendo a mão,  
Para acceitar as esmolas  
Dos carinhos que me dão.

Se de lindas bemeifeitoras  
Muitas esmolas cobrar,  
Até os ricos da terra  
A sorte me hão de invejar.

Fiz do peito porto franco  
Dedicado ao lin lo amor,  
Para acolher n'esse porto  
Muitas barcas de valor.

E, de acolher tantas barcas,  
Taes canceiras apanhei,  
Que, por fim, arrependido,  
O porto franco tranquei.

Perde o tempo todo aquelle  
Que a dar-te um beijo se arrisca;  
Vê se mudas de systema,  
Que é feio ser tão arisca.

E sendo os beijos tão bons,  
E sendo a vida tão curta,  
Commette peccado a moça  
Que a ser beijada se furta.

Os teus olhos aguerridos,  
Quando me fi am a geito,  
Despedem balas de fogo  
Que me traspassam o peito.

Que me traspassam o peito,  
E de um molo, tão certo,  
Que não ha como os teus olhos  
Outro melhor artilheiro.

Se tu contente me falas,  
Eu fico tambem contente;  
Se tens desgostos, pesares,  
Meu coração logo os sente.

E sente-os como por mim  
Pode sentil-os o teu;  
Pois foi só uma a cadeia  
Que as nossas almas prendeu.

Quem pecca vae para o inferno;  
Mas se eu peccasse contigo,  
Posso jurar-te, menina,  
Que não temia o castigo.

E não temia o castigo  
Que se desse a tal peccado,  
Que, peccador ser contigo,  
Vale a ter no céu entrado.

N'um bote que amor me fez,  
Corto o mar dos meus desejos,  
Pedindo por tripulantes  
Lindas caras para beijos.

Se lindas caras vierem  
Para tal navegação,  
Não faltará quem me inveje  
Tão boa tripulação.

Se visse que a feia morte  
A' minha porta batia,  
Protegido por teus beijos,  
Da morte me salvaria.

E, ao notar que a salvação  
Dos teus beijos dependia,  
Se a feia morte voltasse,  
Logo por ti chamaria.

Tem teus beijos, menina,  
Tanto assucar no beijar,  
Que os namoram as abelhas  
Para o seu mel fabricar.

E se as abelhas sugassem  
Esses beijos saborosos,  
O mel das suas colmeias  
Faria muitos gulosos.

Não tapes, morena, os olhos  
N'essas dobras do teu fato,  
Que tapar olhos tão lindos  
Chega a ser um desacato.

Chega a ser um desacato,  
Um desacato, sustento,  
Que Deus fez teus olhos lindos  
Para meu contentamento.

As ondas beijam a praia,  
Be jam-se as aves nos ninhos,  
Os moços beijam as moças,  
Beijam as mães os filhinhos.

Por entre a rama das arvores  
O vento beijos reparte.  
Só eu não sei que são beijos,  
Só eu não posso beijar-te !

Ao verem que tu me tratast  
Com tamanha crueldade,  
As rosas brancas se mostram  
Mais roxas que uma saudade.

E também mudam de côr  
As bonitas açucenas,  
Tomando lucto pesado  
Com pena das minhas penas.

O fogo do pôr do sol,  
Que faz lembrar um vulcão,  
Não eguala o fogo vivo  
Que eu tenho no coração.

O fogo do pôr do sol  
Não dura, desapparece;  
Mas o fogo que me abraza,  
Esse nunca se amortece.

Se, estando para falar-te,  
Sentisse a fala fugir,  
A' linguagem dos olhos  
Iria auxilio pedir.

E tudo os olhos diriam  
Em phrases breves e poucas;  
Pois quando os olhos bem amam,  
Dizem mais que muitas boccas.

Eu amante a procural-a,  
Eu seus passos a seguir,  
Ella, arisca e arredia,  
Sempre de mim a fugir!

Deixal-a fugir, que fuja,  
Deixal-a cançar, deixal-a,  
Que, depois de bem cançada,  
Facil será agarral-a.

Pisei um pé ao meu bem,  
Sem vontade de o pisar;  
Pisei-lhe um pé, quando a vida  
Por tal pé quizera eu dar!

E n'este preço offerecido  
Não havia sacrificio,  
Que, por tal pé dar a vida,  
Chega a ser um beneficio.

Teu amor é como as aguas  
Que vae levando a corrente,  
Não é firme nem constante,  
Muda logo de repente.

Teu amor em consistencia  
E' tão forte como um vime.  
Amor assim tão vadio  
Não é amor que se estime.

Querem do céu as estrellas  
A' terra descer um dia,  
Para roubarem o fogo  
Que o teu olhar alumia.

Vê se foges das estrellas,  
Que o fogo do teu olhar,  
Se se espalha pelo céu,  
Pode o céu incendiar.

Se lhe digo que me queira,  
Receio fazer-lhe offensa,  
Que eu bem sei que ella me quer,  
Que a toda a hora em mim pensa.

Não é só a toda a hora,  
E' mesmo a todo o momento.  
Por amor ninguem tão preso  
Trouxe ainda o pensamento.

Eu hontem pedi-te um beijo,  
Minha pombinha adorada,  
E tu, ouvindo o pedido,  
Ficaste séria e calada.

Repeti hoje o pedido,  
Nem sequer buliste os dentes;  
Pois, se consente quem cala,  
Tu que te calas, consentes.

Nunca vás, ó morenita,  
A'quelles montes d'alem,  
Que os lobos são atrevidos  
E não respeitam ninguem.

E menos inda respeitam  
Moça que seja bonita,  
Por isso aos montes d'alem  
Nunca tu vás, morenita.

A minha roseira, ó Rosa,  
Quasi que estava a seccar;  
N'isto passei-te a roseira  
E fizestel-a medrar.



Tu, Rosa, curas as rosas  
Seccas do sol que as abraza,  
E' assim como quem diz: —  
Tens o remedio de casa.

Quando essa linda boquinha  
Meiga me dá um sorriso,  
Já não sei dizer ao certo  
Qual o caminho que piso.

Parece que fico tonto,  
Que andar tudo á roda vejo;  
E se isto faz um sorriso —  
O que não faria um beijo!

Construi uma barquinha  
De meia casca de noz,  
Com as vélas de cambraia  
E os seus cabos de retroz.

Depois de feita a barquinha,  
Para a barquinha embarcou  
O coração do meu bem,  
Que á larga n'ella ficou.

Encontrei-te ao meio dia,  
E tres horas deram já!  
Como corre breve o tempo  
Quando ao pé de ti se está!

Se o tempo assim continúa  
Ao pé de ti a correr,  
A ser velho hei de chegar  
Sem de tal me aperceber.

Mordeu-te a bocca um mosquito,  
E tu depois, com razão,  
Logo á morte o condemnaste  
Para sua punição.

Mosquito assim atrevido  
Foi bem feito castigal-o.  
Mas que ventura tamanha  
Se pudesse eu imital-o!

Moças bonitas não ha,  
Moças bonitas não vi,  
Que sejam como tu és,  
Que se comparem a ti.

Por isso quando appareces,  
Por isso quando tu saes,  
E' ver as moças bonitas  
A dar suspiros e ais.

Na tua cara, menina,  
Existem como rivaes  
Dois olhos cheios de luz,  
Uma bocca de coraes.

Quando a bocca dá sorrisos,  
Os olhos despedem raios.  
Se os olhos mostram neiguiçe,  
A bocca sente desmaios.

Eu tenho as neves de inverno  
Na cabeça a branquejar;  
Tu a luz de um sol de verão  
Em teus olhos a brilhar.

Para que deixe de haver  
Uma tal desproporção,  
Funde-me as neves de inverno  
N'essa luz de sol de verão.

Trago as faces descóradas,  
E disseram-me tres sabios  
Que só curar-m'as podia  
O coral d'esses teus labios.

Ai! não lhes negues a cura,  
Pois que fica muito bem  
Repartir pelos doentes  
Um remedio que se tem.

Amor tamanho e tão puro,  
Como sempre foi o meu,  
Nunca se viu cá no mundo,  
Nunca ninguem conheceu.

Pois creio até que, depois  
De ter deixado esta vida,  
Inda meus restos dirão  
Quanto por mim foste querida.

Sempre te encontro ao espelho,  
Quando te vou visitar;  
Em vez do espelho, põe antes  
Nos meus olhos teu olhar.

E verás, minha menina,  
Ao seguir este conselho,  
Que as meninas dos meus olhos  
São muito melhor espelho.

Se fôra rico de bens,  
De bens iria cercar-te,  
Mas, pobre, dou-te um anel,  
Por não ter mais para dar-te.

E se aneis servem nos dedos  
De voluntaria prisão,  
Diga esse anel que bem preso  
Tenho a ti o coração.

Em amor os teus processos  
Das modas seguem a par.  
Se as modas muito variam,  
Lá dás tu em variar.

A' vista de taes processos  
Com que tanto te accommodas,  
Serão varios teus amores  
Como varias são as modas.

Matou-me a tua inconstancia  
O coração que era teu,  
E o pobrezinho, bem morto,  
Em cinzas se converteu.

De taes cinzas remexer  
Santa prudencia me veda.  
Cinzas, por mais que se soprem,  
Não levantam labareda.

Hontem pedi que me amasses,  
Dizendo «sim» respondeste;  
Hoje renovo\_o pedido,  
Dizendo «não» me offendeste.

Que mau costume esse teu  
De estar sempre variando!  
Qual das vezes me enganaste:  
Hontem querendo, hoje negando?

Pelas coisas d'este mundo  
Tive sempre desapêgo;  
Vae n isto, vejo-te um dia,  
E tu roubas-me o socego.

Mas, roubando-me o socego,  
Eu roubei-te o coração,  
Para, conforme o proverbio,  
Ter cem annos de perdão.

Se pudesse dar-te um beijo,  
Que prazer o meu seria!  
Prazer tamanho até creio  
Que doido me tornaria!

Mas emquanto, assim ralado,  
Nunca chego a dar-te um beijo,  
Abelhuda borboleta  
Beijando-te a face eu vejo!

Roseiras do meu quintal  
Nãc mostram já o que são.  
Teem as folhas todas seccas,  
Espalhadas pelo chão.

Com essas folhas tão seccas  
O meu amor se parece;  
Elle é folha de roseira  
Que, secca, não reverdece.

Se eu encaro a luz do sol,  
Não fico de olhos cerrados,  
Nem sinto que elles me chórem  
Por tanta luz affrontados.

Mas se, em vez da luz do sol,  
Vejo a luz do teu olhar,  
O caso então é diverso:  
Tenho os olhos que cerrar.

Se te comparo ás estrellas,  
Em luz te ficam atraz;  
Se te comparo á belleza,  
Da belleza acima estás.

Não sei a que te compare,  
Com receio de offender-te,  
Pois não acho nem conheço  
Coisa que possa exceder-te.

De teus affectos, meu anjo,  
Quizera ser devedor,  
Para juro e capital  
Saldar com beijos de amor.

E talvez nunca chegasse  
Toda a divida a saldar,  
Pois, quantos beijos mais desse,  
Mais beijos teria a dar.

Não finjas que me não vês,  
Que eu bem sei que tu me viste.  
Porque dei pelo teu jogo,  
Não cuides que fico triste.

Não fico triste, ao contrario,  
Fico até alliviado.  
Vale mais um desengano  
Que viver sempre enganado.

Como o quarto do meu bem  
Não ha quarto mais bonito!  
Quarto assim tão enfeitado  
Parece mesmo um palmito.

Quarto assim tão enfeitado  
Nem as rainhas o tem. —  
O peor é só de longe  
Deixar-m'o ver o meu bem!

Tu andas muito enganada  
Se julgas que, por ser brando,  
Com esses teus fingimentos  
Me podes ir enganando.

Se, á sombra de fingimentos,  
Enganar-me tu procuras,  
Sabe tambem que nem sempre  
E' bom fiar nas branduras.

Dizes que muito me queres  
E que sempre me has de querer:  
Olha lá, minha menina,  
Que isso é muito prometter.

Já que ao dia de amanhã  
Não sabes se chegarás,  
Reduze as tuas promessas  
Ao dia de hoje em que estás.

Se tudo o tempo destróe,  
Se o tempo a tudo põe termo,  
Se até se diz que as cidades  
Transforma o tempo n'um ermo:

Que muito foi que acabasse  
Por mim a tua afeição,  
Quando eu sei, de mais a mais,  
Que és dada á variação?

Se a tua bocca me dá  
Uns agrados que eu cobiço,  
Meus rivaes, cheios de inveja,  
A perros se dão com isso.

Se a tua bocca me désse  
Uns beijos appetecidos,  
Meus rivaes então dariam  
De raiva em doidos varridos.

Para evitar que se saiba  
Quem seja o moço que adoras,  
Ha muito finges, menina,  
Ser a mim que tu namoras.

Menina, vê se me acabas  
Depressa com tal joguinho,  
Não ponhas n'um sitio o ramo  
E n'outro vendas o vinho.

Se a desgraça tens comtigo,  
Cede-me d'ella uma parte,  
Que a desgraça custa menos  
Se com alguém se reparte.



E se a repartes commigo,  
Podes ficar bem segura  
Que isso a que chamas desgraça  
Será a minha ventura.

De bom café uma chavena  
Tu me déste por favor.  
Bebi-o todo aos golinhos,  
Como quem bebe licor.

E se o café que me déste,  
Tinha tão fino sabor,  
Que sabor que não teriam  
Os teus beijos, meu amor!

Como tu, mulher nenhuma  
Inda foi por mim tão querida.  
Tu eras lua de prata  
Na noite da minha vida.

Valeu a pena o excesso  
De tanto amor que te dei,  
Para saber ao depois...  
O que de ti hoje sei.

Depois que tu me disseste  
Que não podias amar-me,  
Cuidei que andasses uns tempos  
Com remorsos de deixar-me.

Remorsos! Quem fala n'isso!  
Nem sequer um só desgosto!  
Fizeste como na côrte:  
Logo o rei morto, rei posto.

Não percebo a contradança  
Em que tu levas a vida,  
Hontem entregue ao peccado,  
Hoje toda arrependida.

Se vaes assim, quando um anno  
Tenha ao seu termo chegado,  
A peccar, a arrepender-te,  
Os dias terás passado.

Quando te encontro na missa,  
Não sei bem o que desejo;  
Sei que, em vez de ver o padre,  
A ti sómente é que vejo.

E quando levanta a Deus  
(Deus me perdôe o peccado),  
E' adorando os teus olhos  
Que eu me fico ajoelhado.

De principio os meus carinhos  
Só desdens em ti acharam;  
Mas agora esses desdens  
Em zelos se transformaram.

Contra zelos e desdens  
O meu socego reclama:  
Inda assim, quero antes zelos,  
Que só tem zelos quem ama.

Vejo com magoa que ha dias  
De ti não ando lembrado;  
Pois se tu me has de esquecer,  
Antes eu seja odiado.

Esquecimento em amor  
Da morte imagem parece;  
Mais vale ser odiado :  
Quem odeia não se esquece.

Quando me lembro que a terra  
Ha de teu corpo comer,  
Esse corpo tão bonito  
Que eu não me farto de ver,

Peço a Deus, Nosso Senhor,  
Como prova de carinho,  
Que o teu corpo tão bonito  
Suba ao céu todo inteirinho.

Fiquei céguinho de amor  
Mal te vi logo á primeira,  
E tu, menina, sem teres  
Pena da minha cegueira!

Céguinho por tua causa,  
Nem me escutas nem consolas!  
Pois olha que é de christão  
Dar a céguinhos esmolas.

Sonhei um sonho amoroso  
N'uma doença de perigo;  
Sonhei que um anjo do céu  
Vinha á terra ter commigo.

Vinha á terra ter commigo  
Poisando-me á cabeceira.  
Accordo — vejo-te a ti  
A servir-me de enfermeira.

Eu sem querer n'ella pensar,  
Eu sempre n'ella pensando,  
E assim vou sem mais proveito,  
As horas desperdiçando.

Mas que doidice esta minha  
De as horas desperdiçar!  
Se ella nunca pensa em mim,  
Porque hei de eu n'ella pensar?

O teu cabelo é escuro,  
Escuros teus olhos são.  
Ai! não me prives, amor,  
De tão linda escuridão!

Em tão linda escuridão  
Bem contente viveria!  
Que essa tua escuridão  
E' como luz que alumia.

Em quanto sei que o meu bem  
Vive alegre e descuidado,  
Passo os dias tristemente  
Por ser d'elle despresado.

O meu bem não me quer bem,  
Do meu amor não se importa.  
Eu abri-lhe o coração,  
Elle a mim fecha-me a porta.

Se te falo, o que em mim sinto  
Não sei ao certo dizer.  
E' uma dôr que me acode,  
Mixturada de prazer.

Prazer de estar a teu lado,  
Sentindo o tempo correr,  
Dôr ao lembrar-me depois  
Que vou deixar de te ver.

Eu já fui por ti amado  
Com excessos de ternura,  
Depois fugiste, fugindo  
Contigo a minha ventura.

E cá ficou a saudade  
A supprir tamanho bem !  
Pois, se a ventura levaste,  
Leva a saudade tambem.

Se ás profundezas do mar  
Puder um dia descer,  
De lá mil perolas finas  
Para ti hei de trazer.

E, por mais finas que sejam  
Essas perolas do mar,  
Nunca bem finas serão  
Para o teu collo enfeitar.

Tu negas ter recebido  
As cartas que te escrevi,  
Quando o correio me affirmava  
Que as entregou mesmo a ti.

Não mintas, pois, ó ingrata,  
Que o mentir é muito feio.  
Confessa que em mim não pensas,  
Mas não culpes o correio.

De flores vestem-se os campos,  
Em vindo a sua estação ;  
De espinhos, por tua causa,  
Se veste meu coração.

Para que em vez dos espinhos  
Eu tenha tambem as flores,  
Dá-me, ó filha, os teus carinhos,  
Não me dês os teus rigores.

De te ver sempre em meus sonhos,  
Satisfeito já dizia  
Que tu vivias em mim,  
Que eu em ti é que vivia.

E n'esse engano tão cego  
Deixei correr os meus dias,  
Até que vi, accordado,  
Que tu em mim não vivias.

Andas vestida a primor,  
Fazes na rua um vistão.  
Vejo com magoa que o luxo  
Pode em ti mais que a razão.

Não extranhes pois, menina,  
Que teu affecto rejeite ;  
Suppuz-te moça de tino,  
Saes-me boneca de enfeite.

Que se eguale á minha amada  
Não ha no mundo ninguem ;  
Da loira tem os cabellos,  
Da morena os olhos tem.

E da morena e da loira  
A mãozinha mais o pé ;  
Egual pois á minha amada,  
Posso jurar, ninguem é.

Vi-te escriptos sobre o peito  
Pregados por tua mão,  
Escriptos em que dizias  
Arrendar o coração.

Fui perguntar-te por quanto  
Arrendarias tal prenda ;  
Mas retirei-me ao saber  
Que muito grande era a renda.

Correm as nuvens no céu,  
Correm as aguas no rio,  
Correm por ti, ó ingrata,  
Minhas lagrimas em fio !

Minhas lagrimas em fio  
Já correm de tal maneira,  
Que vejo até os meus olhos  
Entrados n'uma cegueira.

Tenho no peito um amor  
Como não tem toda a gente,  
Maior amor do que o mar,  
Quando o mar está na enchente.

Que, se o mar está na enchente,  
Volta depois á vasante,  
Ao passo que o meu amor  
E' na grandeza constante.

Tristes dias vi correr  
Sem me luzir uma esperança ;  
Se esses dias já mudaram,  
A ti devo essa mudança.

Em quanto não me quizeste,  
Como vivia não sei.  
Só depois que tu me queres  
E' que a viver comecei.

Nas pedrinhas da calçada,  
Em que os pés costumam pôr,  
De gosto poria os beijos  
Em signal do meu amor.

Se os não ponho, é por ter medo  
Das pedrinhas profanar.  
Que pedrinhas que tu pises  
São como pedras de altar.

N'este mundo que Deus fez,  
Deseguaes os dias são:  
Curtos, bem curtos, de inverno,  
Muito compridos de verão.

Mas sem ti dias de inverno  
Parecem dias de verão,  
E os de verão ao pé de ti  
De inverno penso que são.

Na cadeia dos teus braços  
Achei-me um dia captivo,  
E desde então, meu amor,  
N'essa cadeia é que vivo.



E n'essa cadeia vivo  
Com tanta satisfação,  
Que já dei a liberdade  
Em troca de tal prisão.

Tive em tempos coração,  
Hoje não sei que isso é,  
Que isso que foi coração  
Soffreu tratos de polé.

Soffreu tratos de polé,  
Passou lances deshumanos,  
E, morto, jaz enterrado  
Na cova dos desenganos.

Os teus risos, meu amor,  
Para mim são manué doce ;  
Por teus risos dera a vida,  
Se ella tua já não fosse.

Com teus risos, meu amor.  
As minhas penas abrando,  
E, quanto mais vejo rir-te,  
Mais eu te vou adorando.

Tens tantas paixões n'um anno.  
Como um anno mezes tem.  
Mulher que tanto varia,  
E' mulher que não convém.

E' mulher que não convém;  
Pois doze paixões n'um anno  
Devem por força deixar  
Derrancado o peito humano.

Mudam os tempos com o tempo,  
Muda a moça de afeições,  
Muda o homem de pensar,  
Mudam as quatro estações.

Mudam as coisas da vida,  
Mudam os risos em dor —  
Só essa tua frieza  
Nunca se muda em calor!

Dei ao meu bem uma rosa,  
Rosa de muito valor,  
E o meu bem pôl-a n'um copo  
Onde se achava outra flor.

Que de um rival era a flor,  
Minha rosa adivinhou.  
Por isso logo de mágoa  
Dentro do copo murchou.

Fiquei de todo ás escuras  
Em noite ventosa e feia;  
Bati-te á porta e pedi  
Luz para a minha candeia.

Com tal viveza me olhaste,  
Que eu não sei bem o que vi;  
Sei que na luz dos teus olhos  
Minha candeia accendi.

Existem na silva espinhos,  
Espinhos o cardo tem;  
Sem que eu seja cardo ou silva,  
Espinhos tenho também.

Espinhos como punhaes  
Que me ferem por meu mal,  
Espinhos que me nasceram  
Dos ciumes de um rival.

Na tua cara tão branca,  
Na tua cara de neve,  
Consente, meu bem, consente  
Que os beijos roce ao de leve.

Se os beijos roçar puder  
Em cara de tal sainete,  
Cuidarei, por ser de neve,  
Que estou tomando um sorvete.

Meu coração eis ha muito  
Religio por concertar,  
Teus olhos deram-lhe corda,  
Puzeram-n'ó a trabalhar.

Puzeram-n'ó a trabalhar,  
Como o não punha ninguém.  
Nunca vi relojoeiro  
Como os teus olhos, meu bem.

Para que tu não te esqueças  
De quanto eu sempre te amei,  
Do seio, dizes, não tiras  
A medalha que te dei.

Fico sabendo, menina,  
Ao ver-te andar de tal sorte,  
Que, se tens fraca a memoria,  
Teu amor não tens mais forte.

Deante sempre de extranhos  
Com elles mostras carinhos,  
Mas toda tu és enfados  
Quando ficâmos sózinhos.

Menina, muda de modos,  
Não sejas, menina, assim.  
Deixa enfados para extranhos,  
Dá-me carinhos a mim.

Porque foi que desprezaste  
O grande amor que te dei,  
Quando sempre te quíz muito,  
Muito sempre te estimei?

Se a mim as portas fechaste  
Da tua esquiva ternura,  
Porque foi que então me abriste  
As portas da desventura?

O sol, ao ver com ciume  
Essa luz do teu olhar,  
Por mercê pediu a Deus  
Dispensa do seu logar.

E Deus, não querendo que a terra  
Se privasse de um pharol,  
Deu-lhe a luz do teu olhar,  
E dispensou a do sol.

Ao ver que sempre da sorte  
Fui tratado com rigor,  
Pensei mil vezes na morte  
Para allivio a tanta dor.

Mas, ao pensar em morrer,  
Minha razão hesitava,  
Pois, deixando de soffrer,  
Tambem de ver-te deixava.

A' janella do teu quarto  
Uma rosa ha pouco vi,  
Tão vermelha e tão bonita,  
Que eu a beijal-a corri.

Mas, quando me approximei,  
Diz-me a rosa, envergonhada :  
— Melhor que beijos de rosa  
São beijos da tua amada.

Contigo estive enganado  
Quasi que perto de um anno,  
Desenganaste-me emfim —  
Deus te pague o desengano.

Agora que te conheço,  
Que sei ao certo o que vales,  
Não temo novos enganos,  
Origem de novos males.

Pelas encostas do monte  
Os alegres namorados  
De malmequer e papoilas  
Andam fazendo braçados.

E, ao passo que elles festejam  
Da primavera a chegada,  
Vou eu juntando saudades  
Na cova da minha amada.

Buscou-me um dia a Fortuna  
Para alegre me propôr,  
Se desejava ser rico,  
Ou ter antes muito amor.

Que antes amor desejava,  
Respondi com promptidão;  
Que, se enche a casa a riqueza,  
Enche amor o coração.

Tu deixaste-me, cuidando  
Que corria atraz de ti,  
Quando foi á tua ausencia  
Que o meu socego devi.

Se, deixando-me, ganhaste,  
Em perder-te não perdi;  
Pois vivo agora feliz  
Como d'antes não vivi!

Repartiste o coração  
Por tanta gente, mulher,  
Que dos seus varios pedaços  
Nenhum te resta, sequer.

Vê se os pedaços que deste  
Recolhes para os cerzir;  
Que um coração bem cerzido  
Talvez possa inda servir.

Com dynamite e com polvora  
Não ha torre ou torreão,  
Baluarte ou cidadella,  
Que não desabe no chão.

Mas á dynamite e á polvora  
Resiste, sem vir ao chão,  
Essa dura e riça pedra  
A que chamas coração.

Fui hontem ao cemiterio,  
Cheio de magoa e de pranto,  
Visitar a cova fria  
D'aquella que adorei tanto.

E, ao deixar-lhe sobre a cova  
Ramos de rosas em flor,  
Ouvi dizer uma voz :  
— Bem hajas, ó meu amor!

Toma lá estas perpetuas  
Da linda côr do limão,  
Conserva-as como lembrança  
Da minha eterna affeição.

E, quando a tua affeição  
A minha possa esquecer,  
Que nunca deixo de amar-te,  
Hão de as perpetuas dizer.

Quem uma chave me dera  
Para abrir teu coração,  
E ver assim os segredos  
Que lá dentro d'elle estão !

Se os taes segredos eu visse,  
Talvez pudesse affirmar  
Que á conta de teus affectos  
Ha muito que descontar.

Se creio no teu amor,  
D'elle duvido tambem,  
E, entre duvidas e crenças,  
Vivo mal e vivo bem.

Vivo mal e vivo bem,  
Ora rindo, ora chorando;  
Pois, se crendo sou feliz,  
Sou infeliz duvidando.





## OS NOMES FEMININOS

## Açucena

Que possa haver Açucena  
Tão viçosa e tão bonita,  
Como tu és, meu amor,  
Ninguem de certo acredita.

Costumam ser açucenas  
Flores de muito bom cheiro.  
Quizeras tu, Açucena,  
Fazer de mim teu canteiro!

## Agatha

Pedras foram sempre as ágatas  
De qualidade inferior.  
Os brilhantes, por exemplo,  
São pedras de mais valor.

Mas, ao contrario das ágatas,  
Tu, minha moça galante,  
Se Agatha foste no nome,  
És no valor um brilhante.

## Alegria

Para a gente ser feliz  
E passar bem os seus dias,  
As tristezas deita á margem,  
Busca só as alegrias.

Por já ser de mim alegre,  
Era feliz como um rei.  
Comti o, que és Alegria,  
Calcula então que serei!

## Alta

Quem fôr alta não é baixa,  
Tal é minha opinião;  
A não ser que andem as coisas  
A's avessas do que são.

Que andar assim ellas podem  
Exemp'lo vivo tu és;  
Pois, Alta sendo no nome,  
De alta só tens quatro pés.

## Alva

Branca luz, mal rompe o dia,  
Por todo o céu se derrama;  
Tem essa luz o teu nome,  
Como tu, alva se chama.

Se, como tu, ella é alva,  
Como ella, tu alumias;  
Que a ti, ó Alva, é que devo  
Não serem negros meus dias,

## Amada

Ao ver que a tua familia  
Te dava o nome de Amada,  
Cuidei que o nome indicasse  
Em amor coisa passada.

Mas, depois que te conheço,  
Tornou-se o caso differente;  
Pois, sendo Amada, és tambem  
Minha amada no presente.

## Amparo

A's creancinhas e velhos  
Não nega amparo ningu m;  
Amparo aos tristes se deve  
E mais aos pobres tambem.

Tu, que muito bem podias  
Taes exemplos imitar,  
E's Amparo pelo nome  
E não me vens amparar!

## Angelica

Sendo em nome e côr Angelica,  
Tens d'essa flor a pureza ;  
Ajuantar prendas tamanhas  
E' caso para extranheza.

E' caso para extranheza,  
Que as Angelicas assim  
Raras vezes cá no mundo  
Enfeitam nosso jardim.

### Artemisia

As artemisias do campo  
São ervas que amargam bem;  
Tu, que Artemisia te chamas,  
É's amargosa também.

Com tanto amargo até hoje  
Nenhum moço em ti pensou.  
Vê se te fazes mais doce,  
Que o doce nunca amargou.

### Augusta

Ao ver-te pobre e modesta,  
Que Augusta fosses não cria,  
Que só podem ser augustas  
Pessoas de alta valia.

Como, porém, seja augusta  
Qualquer rainha ou princeza,  
Tu és augusta, por seres  
Rainha pela belleza.

### Aurora

Esse teu nome de Aurora  
Nome foi muito aceitado,  
Pois, quando tu appareces,  
Fica o céo alumiado.

E tão bem alumiado  
Como se fosse de dia,  
Que nem mesmo a luz da aurora  
Como tu tanto alumia.

**Barbara**

De teus dotes de bondade  
Correm muito boas famas;  
Com taes dotes, não percebo  
Porque Barbara te chamas.

E's boa e chamas-te Barbara,  
Nunca se viu coisa assim!  
Vê se podes ser ao menos  
Piedade para mim.

**Beata**

Mulher que vae a lausperennes,  
Que tem linguinha de prata,  
Que, rezando, mexerica,  
Não tem que ver — é beata.

Por isso não me conformo  
Que tu, que és boa e sensata,  
Como as velhas onzeneiras,  
Tambem te chames Beata.

**Bemvinda**

Se a minha amada se ausenta,  
A chorar passo os meus dias;  
Que, ausente da minha amada,  
Vivo sem ter alegrias.

Mas, voltando a minha amada,  
Logo deixo de chorar;  
Que, Bemvinda ella já sendo,  
Torna a sel-o por voltar.

**Benigna**

Se te falo com ternura,  
Das minhas falas te ris;  
Não sejas assim tão má,  
Condóe-te d'este infeliz.

Olha que a minha afeição  
Dos teus agrados é digna;  
E, se Benigna te chamas,  
Sê nos agrados benigna.

**Benta**

A' noite, quando rezares,  
Nas orações que fizeres,  
Dirás da Virgem Maria  
Que ella é benta entre as mulheres.

Salvo o respeito devido  
A' mais divina das mães,  
Tu és benta entre as mulheres,  
Pois de Benta o nome tens.

**Bertha**

Ao teu nome de baptismo  
Tu não mostras muito amor;  
Pois deixa estar, minha Bertha,  
Que outro nome te hei de pôr.

De tantos bens rodeada  
Por mim a vida terás,  
Que de Bertha a *feliz* Bertha  
Sem chrisma tu passarás.

**Branca**

Não sei qual é o motivo,  
O' minha linda pequena,  
Porque tu te chamas Branca,  
Sendo de ti tão morena.

Morenas brancas não ha,  
Morenas são o que são.—  
Morena que seja Branca  
E's tu só por excepção.

**Callixta**

Tiram callistas as dores,  
Que os callos causam nos pés.  
Tu, Callixta, de baptismo,  
D'esses callistas não és.

D'esses callistas não és,  
Com razão posso dizel-o.  
Tu não tiras, causas dores —  
Que o diga o meu cotovello.

**Candida**

Sempre cuidei que uma Candida  
Devia ser boa e pura ;  
Mas tu sahiste-me Candida  
Que nunca teve candura.

Candida tu nunca foste,  
Nunca foste, nem serás;  
Que só de enganos e logros  
Tens vivido e viverás,

### Caridade

Manda a santa caridade,  
Na lei christã que nós temos,  
Que, depois de amar a Deus,  
Tambem o proximo amemos.

Não te esqueças, Caridade,  
Do santo preceito antigo—  
Já que ao proximo pertença,  
Tem caridade commigo.

### Casimira

Em te chamar Casimira,  
Teu pae, que foi lavrador,  
Parece ter antes sido  
Alfaiate ou mercador.

Mas, sendo tu Casimira  
De tecido cheio e firme,  
Dá-me de ti um retalho  
Que sirva para vestir-me.

### Celeste

O Padre Nosso é celeste,  
Pois lá nos diz a oração  
Que nos céos o Padre Nosso  
Tem a sua habitação.

Tu tambem, sendo Celeste,  
Deves nos céos existir;  
Portanto ao septimo céu  
Faze-me um dia subir.



## Clara

Já um sabio me affirmou  
— Sabio de grande talento —  
Que ao pinto dentro da casca  
Serve a clara de sustento.

Como o destino quizesse  
Que fosses Clara egualmente,  
O pinto seja eu na casca,  
Tu a clara que o sustente.

## Clemencia

Muita vez passei por ti  
Sem teus encantos notar;  
E tu a minha cegueira  
Prompta sempre em desculpar.

Ai! não fôras tu Clemencia,  
Que já assim não andáras!  
Pois ser Clemencia e mostral-a—  
Isso é coisa das mais raras.

## Collecta

Todos tremem de collectas,  
Ninguem as quer, nem deseja,  
Que a obrigação de as pagar  
A nossa bolsa despeja.

Ha porém outras collectas  
Que se acceitam de bom grado;  
Por ti, amor, que és Collecta,  
Quizera eu ser collectado.

### Constancia

Quando me affirmas, jurando  
Que tu te chamas Constancia,  
Noto sempre estar contigo  
Esse nome em discordancia.

Na escolha d'esse nome  
Houve, creio, extravagancia,  
Pois, sendo tu inconstante,  
Não devias ser Constancia.

### Custodia

Custodia é tudo que serve  
Para guarda e protecção.  
Vê lá bem, minha Custodia,  
Se ao teu nome dás razão.

Guarda o amor que me tens  
Dentro do teu coração,  
E protege-o de ti mesma  
Contra qualquer tentação.

### Dores

Ninguem conhece tristezas  
Ao pé de ti, minha Dores,  
Que o teu riso é tão alegre  
Como um foguete de cores.

O teu riso as minhas penas  
Logo de prompto desfaz—  
E, vê lá tu, sendo Dores,  
Só alegrias me dás.

### Esmeralda

De tantas joias que existem  
Cá pela terra habitada,  
Nenhuma pode egualar  
Esmeralda, a minha amada.

Esmeraldas, pedras finas,  
Valem muito pela côr;  
Esmeralda, a minha amada,  
Vale bem mais pelo amor.

### Esperança

Passam a vida a esperar  
Pretendentes por mercê,  
Raparigas por seus noivos,  
E os pobres por quem lhes dê.

Eu, por mal dos meus peccados,  
Vivo tambem a esperar:  
Espero que tu, Esperança,  
Esperanças n.e queiras dar.

### Estrella

Em noites muito serenas,  
Que bonito é ver os lumes  
D'essas estrellas que Deus  
No céo espalha aos cardumes!

A taes estrellas do céo,  
Mais tres eu vou ajuntar:  
A do teu nome, ó Estrella,  
E as duas do teu olhar.

## Eufemia

«Menina, como te chamas?  
— Eufemia sou e mais nada.  
«Que és femea sei; mas que nome  
Tiveste ao ser baptisada?»

— Que nome tive? O de Eufemia.  
«Se o nome então não é peta,  
«Vejo que serve ao teu sexo  
«O nome de taboleta.»

## Eva

Eu não punha as mãos no fogo,  
Nem me atrevia a jurar  
Que a ti, que és Eva, a serpente  
Não tenha querido tentar.

Mas, aqui muito em segredo,  
O que eu, ó Eva, te digo,  
E' que a maçã saborosa  
Quizera morder contigo.

## Fé

Com a fé por nossa parte  
Se fazem grandes façanhas;  
Que, segundo ouvi dizer,  
A fé abala montanhas.

Abalar-te pela fé  
Busco ha muito com ardor,  
Mas vou vendo que tu, Fé,  
Não tens fé no meu amor.

## Fé, Esperança, Caridade

Fé, Esperança e Caridade  
São tres bonitas irmãs,  
A quem os nomes puzeram  
Das tres virtudes christãs.

Quem dera a Fé me salvasse,  
A Esperança promettesse,  
E, por dó, que a Caridade  
Seus carinhos me cedesse!

## Felicla

A nossa vida é um jogo  
Sujeito sempre ao azar;  
Quando a *felicla* nos deixa,  
Chega a *tumbice* a trotar.

Mas eu não temo a *tumbice*,  
Por mais que seja atrevida,  
Se tu, Felicia, me ajudas  
N'este joguinho da vida.

## Felicidade

Felicidade Perpetua  
Te puzeram na igreja;  
Faze, menina, que o nome  
De bom agoiro me seja.

Se o teu nome não mentir,  
Como creio que não ha de,  
Terei, emquanto existir,  
Perpetua felicidade.

## Felisbella

Tens um nome, Felisbella,  
Que não sei se te vae bem,  
Que rara mulher existe  
Feliz e bella tambem.

Ser bella já não é mau,  
Ser feliz muito melbor;  
Mas ser feliz e ser bella,  
Esse é dos bens o maior.

## Felismina

Eu não sei qual a razão  
Porque a ti, minha menina,  
Filha de paes que são pobres,  
Te chamaram Felismina.

Felismina sem dinheiro,  
Desculpa, não vale nada.  
Feliz mina é só a mina  
Que de oiro está rechea-la.

## Generosa

Generosa! Quem souber  
Que esse nome te foi dado,  
Cuidará que esse teu nome  
Por ti á risca é usado.

Em logar de generosa,  
Bem mesquinha te fizeste;  
Tão mesquinha, que até hoje  
Nem um só beijo me deste.

### Gloria

Todos sonham com a gloria,  
Todos querem conhecê-la,  
Mas poucos são os felizes  
Que em vida chegam a vê-la.

Eu sou d'esses, pois que a vejo  
Sem dar um passo d'aqui,  
Que para a ver, minha Gloria,  
Basta os olhos pôr em ti.

### Guia

Nas solidões do mar alto,  
Durante a noite sombria,  
São as luzes de um pharol  
Que aos barcos servem de guia.

Nas solidões cá da terra  
Perdido ha muito andaria,  
Se tu, ó Guia, não fôras  
Quem me servisse de guia.

### Hortensia

Eu bem sei que n'um jardim  
Faz muita vista uma hortensia,  
E que poucas são as flores  
De tão bonita apparencia.

Mas hortensia quer dizer  
Certa frieza em amor;  
E para mim tu, Hortensia,  
Retratas bem essa flor.

**Ida**

Não digas que vaes deixar-me,  
Ida do meu coração!  
Não me deixes, se não queres  
Que eu morra ahí de paixão!

Não sejas Ida, não sejas,  
Para mim sê antes vinda.  
Bemvinda sejas, se é certo  
Que bem me estimas ainda.

**Innocencia**

Innocencia, esse teu nome  
Causa espanto a muita gente,  
Pois, sendo tu Innocencia,  
Nunca tu foste innocente.

Nunca tu foste innocente,  
Nem creio venhas a sel-o.  
Cá tenho minhas razões  
Para assim poder dizel-o.

**Iria**

E's Iria! Que lembrança  
Foi a que teve teu pae!  
A meu ver, quem diz «iria»  
Não sabe ao certo se vae.

Apesar d'isto que avanço,  
Sempre te juro, ó Iria,  
Que, para ver-te em meus braços,  
Ao fim do mundo eu iria.



**Iris**

Se o arco iris apparece:  
'Tarjado de vivas côres,  
E' s'gnal que Deus concede  
Indulgencia aos peccadores.

Tu que tens o nome de Iris,  
Que és tambem cheia de luz,  
Um signal sê de indulgencia  
A tanto amor que em ti puz.

**Justa**

Do direito fazer torto  
E' coisa que não te casta,  
Que nasceste para o mal,  
Embora te chames Justa.

E' justa a meça que é séria  
No que diz e no que faz.  
Justa que torça o que é justo...  
Vadé retró, Satanaz!

**Linda**

De feias Deus me defenda—  
Que feias são invejosas;  
Com lindas Deus me castigue—  
Que lindas não são maldosas.

Entre as lindas, duas vezes  
Tens direito a meus louvores,  
Pois, já Linda pelo nome,  
E's linda como os amores.

## Lucia

Ao nome que tens de Lucia  
 Eu sei que ligas estima;  
 E, Lima sendo teu pae,  
 Tu vens a ser Lucia Lima.

Lucia-lima, por cheirosa,  
 E' planta que agrada bem;  
 Tu, Lucia Lima, por linda,  
 Muito me agradas tambem.

## Luz

Já li n'um livro que o mundo  
 Sem luz não pode passar,  
 Que mal seria do mundo,  
 Se a luz chegasse a faltar.

Sem a tua luz, tambem  
 De mim não sei que seria,  
 Porque tu, ó minha Luz,  
 E's a luz que me alumia.

## Luzia

Quando, ó Luzia, me davas  
 Toda a tua sympathia,  
 A pura luz de teus olhos  
 De luz meus olhos enchia.

Essa luz depois sumiu-se,  
 N'ella os olhos mais não puz;  
 E se luziu, ó Luzia,  
 Agora já me não luz.

**Margarida**

Teu nome, fica sabendo,  
Passa por ser de valor,  
Pois é no mar uma perola  
E nos campos uma flor.

Ser uma flor e uma perola  
E' coisa muito subida.  
Ora, vê tu, quanto vale  
Teu nome ter, Margarida!

**Margarida**

As margaridas que estão  
Pelos campos espalhadas,  
Para experiencias de amor  
Costumam ser desfolhadas.

Tu és tambem Margarida ;  
Deus queira, pois, ó menina,  
Que das outras margaridas  
Tu nunca tenhas a sina.

**Maria**

O teu nome, cachopinha,  
E' do povo e fidalguia ;  
Talvez não haja outro nome  
Mais bonito que Maria.

Se é certo que esse teu nome  
Serve a muita peccadora,  
Maria tambem é certo  
Chamar-se Nossa Senhora.

**Maria da Graça**

Dizem que os nomes que usâmos,  
Em briga comnosco estão;  
Se n'isso existe uma regra,  
A regra tem excepção.

Tem excepção — pois que tu,  
Sendo Maria da Graça,  
Em graça não tens no mundo  
Moça que sombra te faça.

**Marinha**

Logo que soube teu nome,  
Vi que o nome te convinha.  
N'um paiz com tanto mar,  
Tu devias ser Marinha.

Marinha, vê se me queres  
Por marinheiro tomar.  
N'essa Marinha, quem dera  
Que eu me pudesse alistar !

**Marqueza**

E's filha de gente pobre,  
Não pertences á nobreza,  
Mas, sem armas nem brazões,  
Pelo nome és já Marqueza.

Ao nome devia o titulo  
Andar ligado também,  
Pois tu, Marqueza, tens dotes  
Que outras marquezas não tem.

**Martha**

A marta de fino pêlo  
Tem unhas que são arpéos,  
E com taes unhas rapina  
As avezinhas dos céos.

Tu, Martha, podes passar  
Por muito bonita e dextra;  
Pois, com as unhas que tens,  
Em caçar *patos* és mestra.

**Maxima**

Porque te chamas tu Maxima,  
O' minha cabeça leve?  
Maxima é dito de acerto  
Que para ensino se escreve.

Maximas, dizem os livros,  
São regras de bom viver.  
Maxima, como tu és,  
Não pode em maximas crer.

**Mercês**

Se em meus olhos sabes ler,  
Se em minhas juras tu crês,  
Não me negues teus affectos,  
O' minha cara Mercês!

Se eu alcançar, como quero,  
Que os teus affectos me dês,  
De Mercês passo a chamar-te  
A Senhora das Mercês.

**Modesta**

As modas ainda lá veem  
Em casa de Deus servido,  
E já tu andas pensando  
Em fazer mais um vestido.

Com tal mania de modas  
O nome que tens não presta—  
Moça casquilha não deve  
Chamar-se nunca Modesta.

**Nazareth**

Foi Nazareth da Judéa  
Guia do mundo christão;  
São teus olhos, Nazareth,  
Guia do meu coração.

E, se foi da Nazareth  
Que veiu a lei do perdão,  
De teu amor, Nazareth,  
Venha a minha redempção.

**Pastora**

Pastoras ha pela serra  
Que são moças de feição;  
Pastoras que os seus rebanhos  
Tratam com muita affeição.

Por minha causa, Pastora,  
Busca as da serra imitar;  
E de mim faze o rebanho  
Que tu leves a pastar.

**Patrocínio**

Teu nome de Patrocínio  
Tem seu quê de enganador;  
Pois noto que tu não queres  
Patrocinar meu amor.

Vê que fazes, Patrocínio,  
Ou tem modos mais humanos,  
Ou então muda de nome  
Para evitar os enganãos.

**Peregrina**

Costumam ir peregrinos,  
Em signal de contricção,  
Fazer as suas romagens  
A logares de devoção.

Tu, que já és Peregrina,  
Do caso tira lição,  
E vê se vens de romagem  
Visitar meu coração.

**Perfeita**

Desde que sei que és Perfeita  
Por teu nome de baptismo,  
N'esse teu nome, Perfeita,  
Dia e noite muito scismo.

Perfeita só é a moça  
Que á sã moral se sujeita.  
Moça que a moral despresa  
E' tudo... menos perfeita.

### Perpetua

Apesar de uma perpetua  
Pouco valer como flor,  
A perpetua significa  
Muita firmeza em amor.

Mas eu conheço Perpetuas,  
E Perpetuas de dois pés,  
Que nunca foram perpetuas,  
Qual em amor tu não és.

### Piedade

Piedade é sentimento  
Que denota compaixão;  
O pobre, por piedade,  
Pede a todos protecção.

Pobre tambem, Piedade,  
Venho pedir-te um favor:  
Que á risca sigas teu nome  
E protejas meu amor.

### Placida

Não pára nada comtigo!  
Trazes tudo em movimento;  
Onde tu entras, menina,  
Deu entrada um pé de vento.

De vivo demonio seres  
Tens fama por toda a parte;  
Mas, sendo vivo demonio,  
Placida foram chamar-te!



### Prazeres

O teu nome de Prazeres  
E' nome que muito mente;  
Promette bem o teu nome,  
E por fim engana a gente.

Engana a gente, sustento,  
Por modos bem singulares,  
Pois que, sendo tu Prazeres,  
Não me dás senão pezares.

### Preciosa

Tem uma loja de ourives  
Muita joia valiosa,  
Mas nenhuma joia tem  
Que te eguale, ó Preciosa.

Como tu, posso jurar-o,  
Outras joias não conheço ;  
Que és por muito preciosa,  
Joia tal que não tem preço.

### Princeza

Parenta ou filha de reis,  
Muito vale uma princeza ;  
Sempre é dama que na côrte  
Se trata por : Sua Alteza.

Tu, Princeza de teu nome,  
Da côrte não fazes parte ;  
Mas tomára uma princeza  
Em perfeições egualar-te.

### Prospera

De pequena só no mundo,  
Contra a miseria luctaste;  
Foste em mulher despresada  
Por quem tu mais estimaste.

E, se bem que tenhas tido  
Na vida muitos pezares,  
Tu has de sempre ser Prospera,  
Emquanto não te chismares.

### Prudencia

Quando eu quero estar contigo  
A falar alegremente,  
Acodes logo a dizer-me  
Que trate de ser prudente!

Antes de vir o conselho,  
Devias ter reflectido  
Que, lá emquanto a prudencia,  
No nome só a tens tido.

### Pura

Tua mãe chamou-te Pura —  
Que idéa tão infeliz!  
O juizo tinha a arder  
Tua mãe quando isso quiz.

Se pura alguém te chamar,  
Commette grande peccado,  
Que tu és, Pura, tão pura  
Como o vinho baptisado.

### Pureza

Sendo a pureza uma prenda  
Que nada tem de vulgar,  
Já duas vezes, Pureza,  
Em ti a pude encontrar.

Encontrei-a no teu nome,  
No teu peito a encontrei;  
Por tanto havel-a encontrado,  
Sou feliz que nem eu sei!

### Rainha

Cuidaste, minha menina,  
Que espantado me deixavas,  
Ao saber eu que, sem throno,  
Rainha tu te chamavas.

Não me espantaste, Rainha,  
Que as rainhas a valer  
Jamais côrte, como a tua,  
Tiveram nem hão de ter.

### Rebecca

Tu, Rebecca, és boa moça,  
Mas andas sempre zangada;  
Rabeca fóra de tom  
Precisa ser afinada.

Para afinar-te, Rebecca,  
Tens em mim arco de geito,  
Que as cordas do coração  
Eu toco muito a preceito.

### Resgate

Resgate, minha Resgate!  
Vê se me vens resgatar,  
Que podem só teus carinhos  
Estas algemas quebrar.

D'esses teus olhos tyrannos  
Meu captiveiro provém.  
Se no teu nome és Resgaste,  
Nas obras sê-o também.

### Romana

Sei muito bem que nasceste  
Na calçada de Sant'Anna,  
E, sendo tu de Lisboa,  
Foram chamar-te Romana!

Romana sem ser de Roma  
E' coisa que eu bem não ligo...  
Mas, enfim, se me quizeres,  
Serei romano contigo.

### Rosa

Entre os nomes conhecidos,  
Gosto do teu, meu amor;  
Esse teu nome de Rosa  
E' nome proprio de flor.

Para Rosa te chamarem  
Razão houve em teus padrinhos,  
Pois sahiste rosa em tudo —  
Até rosa nos espinhos.

## Santa

Não atino porque és santa,  
Por mais que fique a pensar,  
Que, santas como tu és,  
Santas não são para altar.

Santa assim tão pouco santa,  
E' caso muito curioso.  
Sabes, Santa, o que tu és? —  
Santa de pau carunchoso.

## Sara

Sara te foram chamar,  
Sara é nome de feição;  
Vê se me saras, ó Sara,  
As feridas do coração!

Se as feridas do coração  
Ai! tu me saras, ó Sara,  
Entre as raras enfermeiras  
Ficarás sendo a mais rara.

## Saudade

Se penas são as saudades  
Que enchem o peito de dôr,  
Como não hei de eu penar,  
Se é Saudade o meu amor?

Ai! Saudade, se eu pudesse,  
Tinha-te o nome trocado—  
Que é ja saudade bastante —  
Viver de ti apartado.

**Serafina**

A cera fina por si  
Não tem lá grande valor ;  
A cera fina derrete  
Posta que seja ao calor.

Comtigo, que és Serafina,  
O caso fica invertido,  
Pois tens em ti o calor  
Que a mim me traz derretido.

**Severa**

Com esses modos tão sérios  
E's mais séria que um juiz;  
Eu punha as mãos n'umas horas  
Em como nunca te ris.

E, como nunca te ris,  
O nome fica-te bem:  
Chamar-se deve Severa  
Quem tão severa é também.

**Thecla**

N'esse nome que te deram  
Não ha razão de louvor.  
Thecla é nome que jámais  
Em linda moça vi pôr.

Sómente um meio conheço  
D'esse teu nome acceitar —  
Deixa-te ser tu a tecla  
Na qual eu possa tocar.

### Urbana

Urbana é toda a pessoa  
Que sabe estar n'uma sala,  
Que as suas portas não fecha,  
Quando alguém vae visital-a.

Menina, tu sendo Urbana,  
D'estas coisas não te importas,  
E, se falo em visitar-te,  
Pões logo tranca nas portas.

### Valeriana

A vida passo a dar ais  
Por ti só, Valeriana,  
Em quem penso a cada instante  
Sete dias na semana.

Já que as ervas do teu nome  
São ervas medicinaes,  
Imita-as, Valeriana,  
Cura tambem os meus ais.

### Veneranda

Se a chamar-te Veneranda  
Oiço ás vezes tua avó,  
Fico-me a rir, que o teu nome  
Lembra velha de chinó.

Se podem ser Venerandas  
Moças novas e traquinas,  
Talvez que a velhas sem dentes  
Caiba o nome de meninas.

## Veronica

Fica sabendo, Veronica,  
Que o nome que tens é planta,  
Sorte de capa nos toiros,  
E painel de imagem santa.

Cá por mim, sómente á planta  
Dedico a minha amisade,  
Pois, como tu, essa planta  
Quer dizer : fidelidade.

## Victoria

Nas luctas que tem a vida  
Não temo ser derrotado,  
Se tu, Victoria, quizeres  
Achar-te sempre a meu lado.

Contigo ao lado, Victoria,  
Muda-se o medo em valor;  
Contigo, em vez de vencido,  
Serei até vencedor.

## Violeta

A cheirosa violeta  
Não gosta de se mostrar.  
Tu tambem, ó Violeta,  
Só tratas de te occultar.

Imitando aquella flor,  
Viver na sombra te apraz—  
Quem mais vale, quasi sempre,  
E' quem menos vista faz.



---

Fructos da experiencia

---



I

Quem só tenha o necessario,  
Não estrague os seus dinheiros,  
Que as altas cavallarias  
São para bons cavalleiros.

Amigos maus que não prestam  
Ninguem queira ao pé da porta  
Amigos só para vista  
Que se percam—pouco importa.

Rosa cortada á roseira  
Depressa perde a frescura.  
Filha roubada a seus paes  
E' rosa de pouca dura.

Moça creada na rua  
Nunca serviu para freira.  
Não ha gallinha de campo  
Que se amolde á capoeira.

Quem não ama — vive triste ;  
Quem ama — sente alegria.  
Jogos de amor para amantes  
São como o sol para o dia.

De feias mães nascem filhas  
Bonitas como os amores.  
Cardos do monte — e são cardos —  
Tambem se cobrem de flores.

Não se pode ver a sério  
Uma velha apaixonada.  
As paixões fóra de tempo  
São como a fructa sorvada.

Quando da estrada real  
Um dia se afasta a mãe,  
Quasi sempre d'essa estrada  
Se afasta a filha tambem.

Riqueza mal adquirida  
Nunca deu bom pago ao dono.  
Vale mais ser pobre honrado,  
Dormindo em paz o seu somno.

Para evitar as dentadas  
Da ruim maledicencia,  
Convém de roupas lavadas  
Trazer sempre a consciencia.

Homem rico e mandrião  
Não passa de um espantalho.  
Antes pobre que madruga  
E vive do seu trabalho.

Não queiras prender de novo  
Os laços que o tempo solta.  
Amor que foi, já não é,  
Amor que foi, já não volta.

Quem gastar como estragado,  
Fica a pedir dentro em breve.  
Quem viver saiba com prumo,  
Não gasta mais do que deve.

Em solteira não te queriam,  
Querem-te agora em casada —  
Fructa que tem quem a guarde  
E' sempre a mais desejada.

Dos doze mezes de um anno  
O anno que segue se adorna ;  
Os mezes dão em tornar,  
Um anno que vae não torna.

Matam-se uns por seus amores,  
Outros por sua má sorte.—  
Quem saiba á dor resistir  
Não se mata — espera a morte.

O pedante julgou sempre  
De um sabio ter a cabeça. —  
Não ha cego que se veja,  
Nem tolo que se conheça.

Quando a miseria apparece,  
A virtude vae-se embora.  
Virtude a par da miseria  
Na mesma casa não mora.

Se é um sol de primavera  
A ditosa mocidade,  
Tão lindo sol tem por manchas  
As fraquezas d'essa idade.

Velhice, se não é bem  
Que tenha de ser louvado,  
Por tornar a vida longa,  
Velhice é mal desejado.

Homem brando e sem malícia  
Fuja de andar com velhaco —  
N'este mundo quebra sempre  
A corda pelo mais fraco.

Se amigo teu por dinheiro  
Te fôr á porta bater,  
Não abras — se tu não queres  
Dinheiro e amigo perder.

Mulher que esconde na rua  
As feições com a sombrinha,  
Se não tem pudor fingido,  
Para a velhice caminha.

A quem te peça emprestado,  
Responde «não» sem demora.  
Perde sempre quem empresta,  
Quem empresta não melhora.

Nunca sejas preguiçoso,  
Não caias n'essa fraqueza;  
Repara bem que a preguiça  
E' a chave da pobreza.

De fingida castidade  
Cobre a devota as acções;  
Mas a carne é tentadora . . .  
E ella cede ás tentações.

E' moinho de palavras  
O falador encartado,  
Fala sem ter que dizer,  
Rebenta se está calado.

Dar esmola a quem precisa  
E' obra de caridade;  
Mas quantas vezes a esmola  
Serve de capa á vaidade !

Enche a bocca de grandezas,  
Fala aos pobres com desdem;  
E, mais pobre que os mais pobres,  
Ninguem queira o que elle tem.

Tanto canta a mãe ao filho,  
Que elle adormece afinal.  
Ai ! Deus vos pague, mulheres,  
O vosso amor maternal.

Pai e mãe vestem de lucto  
Por sua filha abalar;  
E, se o pae maldiz a filha,  
A mãe pensa em perdoar.

Quem rouba um pão por ter fome  
E' mettido na cadeia;  
Quem rouba contos de réis  
Na rua á solta passeia.

Ampara tanto o que pede,  
Como aquelle que padece.  
Quem se presta a fazer bem,  
Que bem lhe queiram merece.

Antes viver na miseria  
Sem nunca ter um regalo,  
Que em sonhos só ver o bem,  
Que só em sonhos gozal-o.

Casou com moça fidalga,  
Paz não teve no casal.  
Para o noivo ser feliz,  
Casasse com sua igual.

Amor de moça zelosa  
E' amor que não agrada ;  
Faz lembrar festa de gato  
Que deixa a pelle arranhada.

Por alma de pae ou mãe  
Jura sempre com prudencia ;  
Que juras taes, sendo falsas,  
Pesam bem na consciencia.

Já namorava aos dez annos  
E solteirona envelhece. —  
Nem por muito madrugar  
E' que mais cedo amanhece.

O riso é contra-veneno  
Das nossas horas de tedio. —  
Quem se queira distrahir,  
No riso busque o remedio.



Esta engana o seu amor,  
Passando por muito honesta ;  
Aquella, sendo fiel,  
A fama não gosa d'esta.

Mulher tola e presumida  
Não serve para ninguem;  
E' vinha com muita parra  
E que uva quasi não tem.

A moça que pespegada  
Na janella os dias passa,  
Não é moça que se estime,  
E' boneca de vidraça.

Para poder figurar  
Em theatros e funcções,  
Põe no prego quanto tem,  
Passa em casa privações.

Deus nos livre da beata  
De contas sempre na mão,  
Que tem na bocca doçuras  
E só fel no coração.

De frente, se ellas se encontram,  
São beijinhos de ternura;  
Nas costas, põe uma a outra  
Pelas ruas da amargura.

Não abras o peito a quem  
Tudo que faz te contar.  
Não guarda alheios segredos  
Quem não sabe os seus guardar.

A vida. por mais que o neguem,  
E' simples jogo de azar:  
Poucas horas para rir  
E muitas para chorar.

Gasta á larga, todos cuidam  
Que em casa tem um thesoiro.  
Não fiar nas apparencias,  
Nem tudo que luz é oiro.

Viver no mundo enganado  
A todos muito convém,  
Que o não dar pelos enganos,  
Em vez de um mal, é um bem.

Era pobre, mas finorio,  
Foi casar com velha rica.  
Morre a velha, e de contente  
O viuvo a pular fica.

Mocça que está sempre aos ais  
Para mulher ninguem queira;  
E' ter de portas a dentro  
Lamurias e choradeira.

Morre um homem de saber,  
Não deixa real de seu. —  
Vê-se a miudo o contrario,  
Se é um tolo que morreu.

Sempre a beber, a jogar,  
Não tem vergonha nem brio!  
E a pobre mãe a negar  
Que o filho seja um vadio!

Amor proprio tem desculpa,  
A soberba não a tem.  
Má e ruim, a soberba  
Não dá carinho a ninguém.

Mulher posta a condemnar  
As faltas de outra mulher,  
E' que as suas proprias faltas  
D'esse modo encobrir quer.

Moça dada a garridices,  
Não pode á sorte fugir;  
Se aqui de manso escorrega,  
Vae de todo além cahir.

Por variar, a casada  
E' que pecca muita vez;  
Mas, depois de variar,  
Tem remorsos do que fez.

Homem de bem que precise,  
A custo arranja dinheiro;  
Tem sempre então quem lhe acuda  
Homem que fôr caloteiro.

Anda á caça o caçador,  
Perde mezes n'essa lida;  
Mas a caça vôa de alto,  
Porque é muito precavida.

Procura ser serviçal  
Inda que isso te incommode.  
Com esforço e com vontade  
Faz mais quem quer que quem pode.

De tomar o passo aos outros  
Não te louves, nem te gabes;  
Olha que o sol, quando nasce,  
E' para todos, bem sabes.

Que pesada que é a vida  
Para quem muito padece!  
Se a morte chega em taes casos,  
A morte allivio parece.

Os filhos, quando creados,  
Abalam, fogem aos paes.  
Deus manda que seja o homem  
Como os outros animaes.

Se para ricos a vida  
E' um bem bem desejado,  
E' para pobres a vida  
Um fardo muito pesado.

Desfaz-se o moço em finezas  
Que a moça não lhe agradece.  
Sempre o mundo foi assim:  
Quem mais faz menos merece.

Quem um dia se casou  
Não pode voltar atraz.  
Casamento fórma um laço  
Que só a morte desfaz.

Muitos pensam, quando casam,  
Ser um bem o casamento;  
Alguns vão depois sabendo  
Que o bem se muda em tormento.

Deus ajude os ricos bons,  
Que dão esmolas aos centos;  
E que vão para as profundas  
Os ricos maus, avarentos.

Dos amantes e dos paes  
Que diversos são os beijos!  
Os dos paes dizem ternura,  
Os outros marcam desejos.

Marido bem comportado  
Anda ás ordens da mulher;  
Marido que é valdevinos  
Faz por fóra o que bem quer.

O nosso olhar é espelho  
Do que sente o coração.  
A bocca pode mentir,  
O nosso olhar é que não.

Menina sem ter namoros,  
Ou em amor é noviça,  
Ou tão feia é de feições  
Que nenhum moço a cobiça.

Dizem que a vida é um sonho —  
Quem dera fosse verdade!  
Que não sentira quem sonha  
A triste realidade.

Inconstante sendo a moça,  
De inconstante o moço alcunha.  
Ella propria faz o mal  
E depois a caramunha.

Mulher que, enquanto foi nova,  
Peccou de muita maneira,  
Cuida em velha o céu ganhar  
Pondo um Christo á cabeceira.

Casam moças bem bonitas  
Com velhos quasi dementes.  
E' assim que dá Deus nozes  
A'quelles que não têm dentes.

Sobre a cova do seu bem  
Passa os dias a chorar.  
Quanto mais a dor é grande,  
Mais a dor custa a sarar.

E' sempre a muita pobreza  
Origem de nossos males.  
Bem diz por isso o rifão:  
Se pouco tens, pouco vales.

Quanto mais em seus amores  
São amantes infelizes,  
Mais crescem esses amores,  
Mais elles deitam raizes.

Sê homem de boas contas,  
Vive com todos em paz,  
Que, seguindo este preceito,  
Nunca remorsos terás.

Mostra o moço confiança  
Nas promessas do seu bem;  
E o seu bem vive ás occultas  
Com outro moço que tem.

Se vives rico, és prendado,  
Andas até nas palminhas;  
Se dás em pobre... acabou-se!  
Foram-se as prendas que tinhas.

Feitos quarenta, a mulher  
Trata os annos de esconder.  
A mulher, quanto mais velha,  
Mais nova quer parecer.

Quem deveras tem valor  
Não faz d'isso galardão,  
Que o valor, como o bom vinho,  
Escusa deitar pregão.

Fica bem ser valoroso,  
Nunca ceder ao temor;  
Mas é oiro sobre azul  
Unir prudencia ao valor.

De dois irmãos n'uma casa,  
Sae um bom, mau outro sae.  
Chega a morte, leva um d'elles—  
O que é mau não é que vae.

De rochas feias e núas  
Rompem as aguas mais puras;  
De peitos rudes e toscos  
As affeições mais seguras.

E' fiel o cão ao dono,  
Ao dono muito bem quer.  
No cão encontra-se ás vezes  
O que recusa a mulher.

Da parreira sae o cacho,  
Do cacho se faz o vinho,  
E quem do vinho abusar  
Aos bordos segue o caminho.

Loira que, sendo bonita,  
Nem graça, nem vida tem,  
E' como vaso de prata  
Que plantas murchas contém.

Morena que não mostrar  
Nos seus olhos dois clarões,  
Por falta de luz não pode  
Incendiar corações.

Se é certo que muitos homens  
São em amor desleaes,  
D'essa doença ha mulheres  
Que inda soffrem muito mais.

Choram pobres, choram ricos,  
A dor não poupa ninguém.  
Cada qual sente o seu mal,  
Conforme a sorte que tem.

Quem fôr pobre, em noiva rica  
Não ponha nunca o sentido.  
Noiva rica, unida a pobre,  
Faz muleque do marido.

Rouxinol cantava á solta,  
E na gaiola calou-se.  
A prisão é sempre amarga,  
Nada a pode tornar doce.



Trata o fingido a familia  
De maneira secca e dura;  
Porém deante de extranhos  
Mostra á familia ternura.

Aqui os sinos alegres  
Repicam a baptisado:  
Além outros sôam tristes  
Dobrando por um finado.

Lindos rapazes a queriam,  
Foi o mais feio escolher. —  
Guardado está o bocado  
Para quem o hade comer.

Das bonitas raparigas  
Toda a gente gosta bem;  
Das feias . . . livre-nos Deus  
Para todo o sempre, amen!

Feias mesmo as raparigas,  
Não se devem despresar,  
Que são as feias que fazem  
As bonitas realçar.

Porque a moça o despresou,  
Anda triste o namorado.  
Tristezas não pagam dividas,  
Como lá diz o dictado.

Se a mulher que te pertença  
Enganar-te desejar,  
Por mais que tu te acauteles,  
Sempre ella te ha de enganar.

Vê se fazes n'um mez só  
Trabalho de muitos mezes.  
Candeia que vae adeante  
Alumia duas vezes.

Se orgulho em gente educada  
Já não tem razão de ser,  
Em gente bruta é defeito  
Que muito custa a soffrer.

Ninguem conte ver o premio  
Dos serviços que prestar.  
Serviços, depois de feitos,  
Raro tornam a lembrar.

Quer fugir á tentação,  
Na tentação por fim cae!  
Tambem as borboletinhas  
Morrem na luz que as attrae.

A velha finge ser nova  
E o avarento esmoler.  
Presumpção e agua benta  
Cada qual toma as que quer.

Menina de olhos bonitos,  
Foge de quem te enfeitiça,  
Que a virtude nas mulheres,  
Como o vidro, é quebradiça.

Duvidae, moças, dos homens  
Que promettem casamentos.  
São quasi sempre só isca  
Esses taes promettimentos.

Menina que, ao ver os homens,  
Foge muito assustadiça,  
E' menina quasi sempre  
De castidade postiça.

Amor de moça tontinha  
E' amor de mangação ;  
Se nos diz hoje que sim,  
Amanhã diz-nos que não.

Quanto mais atraz do bem  
Nós vamos todos correndo,  
Mais o bem nos vae fugindo,  
Mais vamos nós padecendo.

Lá porque a moça cahiu,  
Que borborinho que vae !  
Pois tambem no melhor panno  
A's vezes a nodoa cae.

As sinceras alegrias  
A' nossa porta não moram :  
Por um sómente que ri,  
Contam-se aos mil os que choram.

De moços adocicados,  
Parece não quebra um prato ;  
Mas, se as falas são de santo,  
Tem unhas que são de gato.

A quem te empregue a lisonja  
Nunca dês a tua estima,  
Que a lisonja é um veneno  
Com capa de mel por cima.

Uns vivem quasi que nós,  
Faltos sempre de agasalho;  
Outros desfructam heranças  
Alcançadas sem trabalho!

Se vae amor no começo,  
Que ternura entre os amantes!  
Passados mezes por cima. . .  
Ai! já não é como d'antes!

E' santa posta em altar  
A mulher emquanto amada.  
Morto o amor, a mulher  
Mal fica sendo lembrada.

O rabujento do velho  
Condemna quanto se faz.  
Não quer o velho lembrar-se  
Do que elle fez em rapaz.

Pessoa que muito ri  
Custa a crer que seja esperta.  
O muito rir é de tolo —  
Quem muito ri, pouco acerta.

Se do seu bem mal lhe dizem,  
Responde que é falsidade,  
Cego, não vê que o seu bem  
Nunca lhe fala a verdade.

Na bonita a presumpção  
E' fraqueza e mais não disse;  
Mas na feia essa fraqueza  
Muda de nome — é tolice.

Velho que moças pretende,  
Anda falho de razão;  
Quem a ser velho chegou,  
Tranque a porta ao coração.

Não é muito de temer  
Falador que não se cala;  
Peor o cão que não ladra  
Ou homem que pouco fala.

A nossa vida não passa  
De uma eterna contradança;  
Cada par que n'ella entrou  
Só na morte é que descança.

Não imites gastadores .  
Que ao vento seus bens espalham.  
A trabalhar vae poupando;  
Deus ajuda os que trabalham,

Se em teia de esperta aranha,  
Cahida a mosca não sae,  
Mal d'aquelle que nos laços  
De mulher esperta cae.

Não tenhas pressa, menina,  
Em prender o teu carinho.  
Amor que vae apressado  
Cança a meio do caminho.

Gostou a moça do velho  
Por elle ter muita prata.  
Moça com velho casada,  
Como velha é que se trata.

Privou-se durante a vida  
De gosar quanto ganhou:  
Morre um dia — vae o filho,  
Dispende á larga o que herdou.

Invejado é todo aquelle  
Que riqueza á farta gosa.  
Se a inveja fosse tinha,  
Muita gente era tinhosa.

Não deites pela janella  
Quanto ganhes em rapaz;  
Se em rapaz guardar souberes,  
Em sendo velho acharás.

Para o marido tremer,  
Basta a mulher encaral-o.  
Triste a casa onde a gallinha  
Canta sempre em vez do gallo.

A ser amparo dos pobres  
Os seus regalos prefere.  
Quem não vê o mal dos outros,  
Que o seu vejam não espere.

Nenhuma dor que mais custe,  
Nem lance mais apertado,  
Que sentir no mal presente  
Lembranças do bem passado.

Quem de amor traga o sentido  
Occupado a toda a hora,  
Por mais gente que ande a ver,  
Sómente vê quem adora.

Que o mundo é cheio de embustes  
Já não duvida ninguem ;  
São muitos n'elle os velhacos,  
Poucos os homens de bem.

N'estes tempos em que todos  
Buscam sómente a riqueza,  
Vale mais velha abastada  
Do que moça com belleza.

Despresou-te a rapariga  
Pela pobreza que tens.  
Bem recebido serias,  
Se foras rico de bens.

Quem canta seu mal espanta,  
Que o cantar a dor minora ;  
Só quem nunca teve pae  
E' que, em vez de cantar, chora.

Fuja de más companhias  
Quem viver queira estimado ;  
Antes só, como se diz,  
Do que mal acompanhado.

Filho que os paes envergonha,  
Vivendo como um perdido,  
Mais valêra que em pequeno  
Tivesse logo morrido.

Não consente o gastador  
Que lhe digam que o seu zéle ;  
Pois quem lobo não quer ser,  
Do lobo não veste a pelle.

Emquanto que o descuidado  
Perde tempo no caminho,  
Só procura o cuidadoso  
Levar agua ao seu moinho.

Quem tem filhos tem cuidados,  
Tem-n'os quem ama tambem ;  
Triste vida a nossa vida  
Que tantos cuidados tem !

Muito gasta a lima o ferro,  
Sendo o ferro metal forte.  
Amor, quando verdadeiro,  
Só se gasta com a morte.

Se algum rapaz a requesta,  
Vae do rapaz desdenhar —  
A coisa é velha e sabida :  
Quem desdenha, quer comprar.

Amigos são aos milhares,  
Emquanto á farta vivemos ;  
Se chega um dia a miseria,  
Amigos nunca mais temos.

Sara-se o moço atacado  
De uma grande enfermidade ;  
Mas não ha droga que sare  
Quem tenha o pêco da idade.

Escutar o que se diz  
Não é coisa que se louve ;  
Não escutes, pois que ás vezes  
Quem escuta de si ouve.



A mulher é um mysterio,  
Ninguem entende a mulher,  
Pois quer agora uma coisa  
Que vae depois já não quer.

Ella seguiu seu destino,  
Deixou a mãe triste e só;  
Quando de novo tornou,  
A pobre mãe era avó.

Quem viva triste e quizer  
Suas penas abrandar,  
Peça allivios á guitarra  
N'uma noite de luar.

Destilla tanta peçonha  
A bocca de um maldizente,  
Quanta peçonha destilla  
A bocca de uma serpente.

Entre os mortaes um existe  
Que nenhum descanso logra:  
E' o pobre do marido  
Que tenha de aturar sogra.

Amor sério e de paixão,  
Na nossa vida, ha só um.  
Quem conta muitos amores,  
Não gosta bem de nenhum.

Em amor, um atrevido  
Conseguiu fazer n'um mez  
O que um tolo presumido  
Durante mezes não fez.

Quem dos altos de uma serra  
Olbar os sitios mais baixos,  
Vê como sombras os valles,  
E os rios como riachos.

Custa menos a soffrer  
Uma dor que prompto mata,  
Que as penas de amor soffridas  
Pelas traições de uma ingrata.

As velhas pensam no céo,  
Já que os homens não as querem;  
As moças pensam nos homens  
— Céo que a tudo ellas preferem.

De usurarios avarentos  
Nunca os pobres andem juntos;  
Não vale a pena gastar  
Cera com ruins defunctos.

Ninguem estima a saude;  
Mas, quando chega a doença,  
E' na perda da saude  
Que mais com mágoa se pensa.

Fios de oiro os seus cabellos  
Quando elle a viu em rapaz.  
Hoje são fios de prata —  
Mudanças que o tempo faz !

Pode o moço, mas não sabe —  
Que os moços vivem de enganos;  
Sabe o velho, mas não pode —  
Que o vigor quebram os annos.

Para bem longe as paixões  
Que o socego nos destroem ;  
Paixões taes são como cardos :  
Tem seus espinhos que dóem.

Os moços acham que o tempo  
Caminha bem devagar ;  
Os velhos, que elle se some  
Como o pó que anda no ar.

Tem sempre façanhas novas  
A contar um gabarola ;  
Como aos palhaços de feira  
Nunca lhe secca a parola.

Elle grita contra o jogo  
Que tantas desgraças faz ;  
E jogando é que elle perde  
Todo o dinheiro que traz.

Com pombinhas e canarios  
Gasta a velha quanto tem ;  
Pobre que á porta lhe bata  
Nunca lhe apanha vintem.

O velho é sempre egoista,  
Nem pode deixar de sel-o,  
Que os ingratos lhe puzeram  
O coração como gelo.

Não julgues ser o dinheiro  
Grande bem, como se diz :  
O dinheiro só por si  
Não torna a gente feliz.

Se agora, que é feia e velha,  
Fazem-lhe ao vel-a uma figa,  
Que de festas lhe fizeram,  
Emquanto foi rapariga!

Em casa tem muito luxo,  
A' meza grande fartura;  
Mas, quantos são os logrados  
Para assim fazer figura!

E' lojista afreguezado,  
Ganhou fama de honradez;  
Mas, á sombra d'essa fama,  
E' que elle engana o fréguez.

Em trapeiras muitas vezes  
Vivem os homens de bem;  
Em palacios com riqueza  
Os que vergonha não tem.

Quem for honrado, não queira  
Da politica acercar-se,  
Que só n'ella faz carreira  
Quem de honrado se disfarce.

Em geral a mulher má  
E' mulher feia tambem;  
Caras que Deus fez bonitas  
São caras dadas ao bem.

Aos homens, emquanto vivos,  
Sempre se notam defeitos;  
Mortos, passam todos elles  
A ser alvo de respeitos.

Não se entende que em amor  
Possa partilha existir;  
Quem bem ama, dá-se todo,  
Não se está a repartir.

Emquanto ninguem faz caso  
De quem é bom e pacato,  
Um malfeitor nas gazetas  
Apanha artigo e retrato.

Se um raminho de alfazema  
Desconfiança annuncia,  
Dê ao seu bem alfazema,  
Quem do seu bem desconfia.

Moça garrida e vaidosa,  
Por mais pobre que ella seja,  
Aos enfeites não resiste,  
Andar á moda deseja.

Se um amor, longe da vista,  
Longe está do coração,  
Amor que ausente resista  
E' amor de perfeição.

Rouba o proximo, e censura  
Os que seguem tal caminho;  
Quem tem telhados de vidro,  
Não atira aos do visinho.

Por fóra, em jogo e mulheres  
O seu dinheiro se some;  
Em casa, a pobre familia  
Quasi que estala de fome.

Se dos tempos que passaram  
Os velhos falam sómente,  
E' que a vista ja cançada  
Não lhes alcança o presente.

Em moça tratava os moços  
Com requintes de ternura;  
Em velha reza nas contas  
E as moças ternas censura.

De promessa feita a pobre  
Não te mostres esquecido;  
A pobre nunca promettas,  
Que o promettido é devido.

Não peças dinheiro a rico,  
D'elle evita esse favor;  
A rico nunca tu devas,  
Rico é mau para crédor.

Elle diz que nenhum homem  
De o desbancar é capaz;  
Elogio em bocca propria  
Não abona quem o faz.

Só pode amor existir  
Se da paixão o cercaes —  
Arrefecida a paixão...  
Adeus, amor que te vaes!

Homem de rudes franquezas  
Não se acceita de vontade;  
A lisonja enganadora  
Tem mais valor que a verdade.

Em serviços elle affirma  
Que o não excede ninguém;  
Quem tanto fala em serviços,  
Faz pensar que nenhuns tem.

Seguem as quatro estações,  
Conforme o tempo as altera;  
Só amor, se é verdadeiro,  
Não passa da primavera.

Uma dor que muito dóe  
E' a dor da ingratidão;  
A ingratidão é peçonha  
Que envenena o coração.

Ao maldizente aconselham  
Que deixe de maldizer;  
Quem maldizente nasceu,  
Maldizente ha de morrer.

Menina, em dias de vento,  
Vê como vaes e por onde;  
O vento é muito indiscreto,  
Deixa ver o que se esconde.

Moça que fôr casadeira  
Seja meiga no falar;  
Moça em busca de marido  
Não deve a caça espantar.

Nos lances da nossa vida  
Peccâmos pelos extremos;  
Argueiros vemos nos outros,  
Em nós a tranca não vemos.

Velho muito alcachinado  
Quer por noiva mulher nova;  
Para velho em tal estado  
Uma noiva só — a cova.

Ha moças de maus costumes  
Que por sérias são tomadas;  
Outras ha que, sendo sérias,  
Andam sempre abocanhadas.

Quem da vida passa os annos  
Do mal de amor atacado,  
Nunca dá pelos enganos,  
Por mais que seja enganado.

Cuidou que a moça o quizera  
Por ser bonito e solteiro;  
Vae ella quil-o sómente  
Por ser tolo e ter dinheiro.

Meninas de pouca idade  
Buscam noivos á porfia.  
Esperem... tenham paciencia,  
Roma não se fez n'um dia.

Em pequenos, todos querem  
Depressa a homens chegar;  
Depois de homens, a pequenos  
Todos quizeram voltar.

Moça com velho casada  
A sua sorte maldiz,  
Que nunca fez a velhice  
A mocidade feliz.



Em laços de parentesco  
Ninguém pode confiar.  
Se parentes ha que prestam,  
Muitos mais ha sem prestar.

A mulher, quando ella é pobre,  
Deixa ás vezes de ser séria;  
Mas d'esse mal a culpada  
E' quasi sempre a miseria.

A mulher remediada,  
Que passa vida feliz,  
Se peccou, foi por vontade;  
Se cahiu, foi por que quiz.

Fala em tudo de cadeira  
Com basofia e com aprumo —  
Quem fôr de perto espreme-o,  
Não lhe tira nenhum sumo.

Se o riso serve na bocca  
De disfarce a muita gente,  
O chôro que vem do peito —  
Esse é leal, nunca mente.

De seus filhos pequeninos  
Não se importam muitas mães;  
Vivem então satisfeitas  
Entre gatinhos e cães!

Dormem velhos, dormem novos,  
Dormem até faladores;  
Mas, tantos sendo os que dormem,  
Não dorme quem tem amores.

Um ingrato nunca deixa  
De o beneficio esconder —  
Não vale a pena servir  
Quem não sabe agradecer.

Se muito custa a subir,  
A descer as coisas mudam. —  
Bem se diz que para baixo  
Todos os santos ajudam.

Desconfie bastante a moça  
Dos ardis de moço esperto;  
Como a lebre, deve a moça  
Dormir sempre de olho aberto.

Nariz de cêra com todos,  
Com todos de accordo está.  
Quem não tem idéas suas,  
Triste idéa de si dá.

Trahido por sua amante,  
Em casa a deixa fechada. —  
Só na porta se põe trancas,  
Depois da casa roubada.

Amigo dizendo a todos  
Que a todos quer muito bem,  
Lembra amigo de Peniche  
Sem amisade a ninguem.

Se entre amantes se chegou  
A perder de todo a fé,  
Trabalhar por que ella volte,  
E' remar contra a maré.

Bonita moça tem sempre  
Quem lhe passe pela porta;  
Se deixa de ser bonita,  
Ninguém mais d'ella se importa.

Muitos levam toda a vida  
A fortuna a procurar,  
E da vida se despedem  
Sem a fortuna encontrar.

Quem se vende por dinheiro  
Não tem brio nem pudor;  
E, se anda mal quem se vende,  
Bem não anda o comprador.

Mulher feia que se pinta  
Nada ganha na pintura,  
Que não supprem arrebiques  
O que nega a formosura.

Sendo feia a sua amada,  
De que é feia elle se esquece. —  
Quem ama o feio, é sabido  
Que bonito lhe parece.

Corre mais do que uma setta  
Um comboio em movimento;  
Mas, por muito que elle corra,  
Corre mais o pensamento.

Entre creanças e velhos  
Ha pontos de semelhança;  
Se o velho amparo requer,  
Requer amparo a creança.

Que saudades sente um filho  
Ao ver o pae morto já! —  
E' depois do bem perdido  
Que mais valor se lhe dá.

Não vê o moço que a moça  
De enganar-o não se emenda. —  
A quem ama, põe amor  
Sobre os olhos uma venda.

Se viuva requestares  
D'ella buscando estar junto,  
Não te esqueças que um rival  
Terás sempre no defuncto.

De um prégador de moral  
Ninguem queira ouvir sermões,  
Que se elle tem boas falas,  
Não tem boas intenções.

Elles casaram por gosto,  
Foi amor quem os uniu;  
Depois... adeus união,  
Ninguem mais juntos os viu.

A rico pode chegar  
Quem for activo e honrado;  
A muito rico e depressa...  
Quem ponha a honra de lado.

Ser pobre não é vergonha;  
Pobre é muita gente boa.  
Agora pobre e soberbo—  
Isso é que não se perdôa.

Presta ouvidos a quem fala,  
Se tambem tens que dizer. —  
Quem ouvir sabe a preceito,  
Sabe sempre responder. .

Quem boa estrella não tenha,  
A vida aos tombos arrasta;  
Pede a Deus te dê ventura,  
Que saber pouco te basta.

Nunca faças mal aos outros,  
Procura só fazer bem ;  
Que se Deus justo premeia,  
Justo castiga tambem.

Quem nos logrou uma vez  
De mais logros é capaz. —  
Cesteiro que um cesto fez,  
Com verga e tempo cem faz.



## AS QUATRO ESTAÇÕES

Bate á porta a primavera,  
Recebe-a o sol á entrada,  
E as andorinhas e as flores  
Formam-lhe a guarda avançada.

Atraz logo segue o estio  
De braço dado ao calor;  
Ha pão nas eiras, ha fructos —  
Louvado seja o Senhor!

Depois, com dias mais breves,  
O brando outomno caminha;  
De folhas despem-se as arvores,  
De cachos cobre-se a vinha.

Por fim, cercado de neves,  
O inverno chega sombrio;  
A chuva os campos alaga,  
A terra treme de frio!

## II

Com chave de prata fina  
Sua amante fecha el-rei;  
Vem deus-milhão, abre a porta  
Com chave de oiro de lei.

A chave de oiro de lei  
Serve em toda a fechadura,  
E resistencia a tal chave  
Ou não ha ou pouco dura.

Que volte a ver o seu bem  
Segreda ao moço o Amor;  
Diz-lhe a Razão que não torne  
No seu bem olhos a pôr.

Razão e Amor não se entendem,  
São inimigos mortaes.  
Sabe Razão ver melhor;  
Mas pode Amor muito mais.

E' feliz, muito feliz,  
Quem, vivendo na pobreza,  
Passa contente os seus dias  
Sem rebates de grandeza.

Nem sempre ao rico Deus quer  
Dar a ventura maior;  
Quantas vezes quem é pobre  
E' quem sabe rir melhor!

Que vão-se embora os desgostos  
E venham as alegrias!  
Não vale a pena chorar,  
Que a vida são só dois dias.

A vida são só dois dias—  
Tão curtos, quando se gosa,  
Como largos e compridos,  
Quando a vida é trabalhosa.

Poupanças mal entendidas  
São poupanças de avarento;  
Poupa avarento um real  
Para perder mais de um cento.

Ha tambem outro dizer  
Que á verdade se encaminha:  
Poupam muitos no farello  
O que estragam na farinha.

Nada é certo n'este mundo  
Onde ha tantas incertezas;  
Descem ricos á miseria,  
Sobem pobres ás grandezas.



Os homens, como alcatruzes,  
Na vida se andam movendo;  
Pois, enquanto ha uns que sobem,  
Outros ha que vão descendo.

Corre branca e pura a noite,  
De prata a lua parece,  
Chega, entretanto, uma nuvem  
Que a noite logo escurece.

Tambem a noites assim  
Pode amor ser comparado —  
Agora cheio de luz,  
Logo de nuvens toldado.

Quando elle usava calcinhas,  
Lindas moças o beijavam,  
E todas muito á porfia  
Trazel-o ao collo buscavam.

Mas, depois que elle usa calças—  
Que mudança os tempos fazem!  
As moças já o não beijam,  
Ao collo já o não trazem.

Suspiram todos contentes  
Ao ver de perto a ventura;  
Suspiram do bem que foge,  
Ao ver que o mal tanto dura.

Suspiros ao vir ao mundo  
E ao sahir d'elle tambem;  
Do berço á cova sómente  
Suspiros a vida tem!

Mulher já cheia de rugas,  
Que se lembra de affeições,  
Mostra não ver que os seus annos  
Lhe negam taes distrações.

Quando as rugas apparecem,  
Cede a ternura á razão;  
A cabeça é quem governa,  
Obedece o coração.

Duas coisas exquisitas  
Ha muito tempo se notam:  
Ver padres prégar moral  
Que para si não adoptam;

E ver illustres doutores  
Receitar ingredientes,  
Que elles nunca tomariam,  
Se elles fossem os doentes.

Os artistas de theatro  
Só de noite representam;  
Os que existem cá por fóra  
Nunca da scena se ausentam.

Que este mundo é como um palco  
De vistosos bastidores,  
Onde aquelles que nos logram  
São sempre grandes actores.

Se os moços a perseguiam,  
Tentando por bem rendel-a,  
De todos ria a pequena,  
Fiada na sua estrella.

Ao que mais a perseguiu,  
Cedeu por fim a pequena—  
Estrellas não ha que prestem,  
Quando amor é quem ordena.

Lá vem chegando o Natal,  
Tocam alegres os sinos,  
E, em honra do Deus menino,  
Que festa para os meninos!

Mas o Natal chega sempre  
Quando o frio ninguém poupa;  
E se ha em festa meninos,  
Outros ha sem pão nem roupa!

O vento sopra com força  
Em horas de temporal;  
Depois lá vem a bonança,  
E o vento abranda afinal.

Homens que a ira abalou  
Imagem do vento são;  
Mas sirva, para abrandal-os,  
A bonança da razão.

Os destinos entre os homens  
Andam ás vezes trocados;  
Quantos amos vemos nós  
Que deviam ser creados!

E tambem quantos creados  
Que, por dotes bem subidos,  
Em vez de andarem servindo,  
Só deviam ser servidos.

Muitos affirmam que o tempo  
 A correr não tem rival;  
 Que até se vive e se morre  
 Sem quasi se dar por tal.

Mas, se apparece um revez,  
 D'estes que fazem doer,  
 Logo então se diz que o tempo  
 E' muito lento a correr.

Quem, amando, não soffreu,  
 Desconhece o que é amor.  
 Amor, quanto mais leal,  
 Mais sujeito elle é á dôr.

E assim deve acontecer;  
 Pois, n'esta vida tão dura,  
 A dôr é que dá realce  
 Aos instantes de ventura.

Quantas vezes a mulher  
 Bem dedicada nos é,  
 E nós somos infelizes,  
 Por n'ella não termos fé!

E quantas vezes tambem,  
 Porque n'ella confiâmos,  
 Não vemos suas traições,  
 E felizes nos julgâmos!

Bocca linda marcou sempre  
 Do céo as variações:  
 Amoravel — diz bonança;  
 Franzida — chuva e trovões.

E se ella no mesmo dia  
Está franzida, amoravel —  
Serve isso então a dizer  
Que anda o tempo variavel.

Se a vaidade empurra o velho  
Para as lides de rapaz,  
Acuda a dizer-lhe o espelho  
Que veja bem o que faz.

Velho, que a cara coberta  
Já tem de pés de gallinha,  
Pense na morte que é certa  
E que a correr se avisinha.

Mulher, jurando constancia  
Logo que o dia começa,  
E' mulher para esquecer  
As suas juras depressa.

Juras pode até fazel-as  
Por acenos quem não fala.  
Jurar constancia não custa —  
O que mais custa é guardal-a.

Moça linda tem por tia  
Velha que é mal encarada ;  
Moço que á moça quer bem  
Da tia não gosta nada.

Mas sempre que a tia encontra,  
Lança-lhe amigos olhares —  
E' só por causa dos santos  
Que se beijam os altares.

Recebeu a féria ao sabbado  
E, tendo mulher e filhos,  
Gasta a féria na taberna  
A beber vinho aos quartilhos

Depois de muito beber,  
Na rua tropeça e cae —  
Quem rouba o pão á familia  
E' mau marido e mau pae.

Mulher muito arrebicada,  
Sempre em casa da modista,  
Não é mulher de governo,  
E' mulher só para vista.

E quando ás modas tambem  
Junta a prenda de fingir —  
Então é mulher de quem  
Há razões para fugir.

Quem passa a vida chorando  
Nunca seu mal remedeia,  
Que o choro faz mal á vista,  
Torna a cara muito feia.

E, se foi amor ingrato  
Que a tal choro deu logar,  
N'esse caso, quem mais chora,  
Menos devêra chorar.

S. Pedro, sendo bom santo,  
Tres vezes nega ao Senhor.  
Muitos sabios tambem negam  
Que haja constancia em amor.

Tal constancia, ao que parece,  
E' coisa que não existe.  
Quem de constante se gaba  
A's tentações não resiste.

Bonita moça que a todos  
Mostra os dentes n'um sorriso,  
Se mostra que tem bons dentes,  
Não mostra que tem juizo.

E aquella, que a muitos cede  
Ternuras do coração,  
Lembra pia de agua benta  
Onde qualquer mette a mão.

Emquanto muito se amaram,  
Se leve achaque elle tinha,  
Ella apressada lhe dava  
Doces caldos de farinha.

Agora que amor se foi,  
Foram-se os caldos tambem;  
Pode elle estar a morrer,  
Que novos caldos não tem.

Quando a certa viuvinha  
De amor o moço falava,  
Ella com péjo o retrato  
Do seu defuncto occultava.

O tempo foi abrandando  
Tanto excesso de recato;  
Se de amor fala hoje o moço,  
Já não se occulta o retrato.

Ver corcunda de manhã,  
De manhã um torto ver,  
Passa por coisa de enguiço  
Que damno pode fazer.

Historias da carochinha!  
Que um corcunda, um torto viu  
Certo moço na manhã  
Em que a sorte lhe acudiu.

Rico vaidoso não presta,  
Não ajuda quem é pobre; -  
Que riqueza com vaidade  
Só de coisas vãs se cobre.

Rico vaidoso só dá  
Quando toda a gente o vê;  
Em segredo, aos infelizes  
Ninguem sabe que elle dê.

Quiz a moça ter um lenço  
Na feira do mez de agosto;  
E um lenço o moço comprou  
Que á moça deu muito gosto.

Por signal de apartamento  
Se toma lenço que é dado.—  
Teve o moço d'isso a prova,  
Antes de agosto acabado.

Todos sabem que a mulher  
Nunca fica para freira—  
A mulher, feia que seja,  
Acha sempre quem a queira.



O que se diz da mulher,  
Dos homens dizer-se póde:  
E' ás vezes aos mais feios  
Que a fortuna mais acode.

Tinham-se amado no tempo  
De uma invejavel idade;  
N'um tempo que mais não volta,  
No tempo da mocidade.

Quando velhos eram ambos,  
Tornaram a ver-se um dia.  
Ai! santo Deus, que mudança! —  
Já nenhum se conhecia!

Ella buscou outro amor  
Que tinha mais para dar.  
Foi-se atraz de lucros certos —  
Caso não é de extranhar.

Caso não é de extranhar;  
Muitas moças assim ha,  
Que fazem do coração  
Bandeja de quem mais dá.

Vôa a gaivota rasteira,  
Pondo nas aguas o olhar,  
Para de chofre e certa  
O peixe incauto fisgar.

Meninas moças e bellas,  
D'este caso tomae nota;  
Cercae-vos de mil cautellas,  
Vêde o que faz a gaivota.

Afirmam varias pessoas  
Que da vida os curtos dias  
São tão ricos de desgostos,  
Como pobres de alegrias.

Apezar d'essa verdade  
Ser de todos conhecida,  
Desgostos vão-se aturando,  
E ninguem quer mal á vida.

Ser captivo é uma pena  
Cercada de muita dor ;  
Mas quantos, quantos captivos  
Existem só por amor !

Para os que amor captivou  
Com seu laço traiçoeiro,  
Dizem ser bem desejado  
Viver em tal captiveiro.

Nos papeis e nas gazetas  
Os pequenos defendia,  
E dos grandes cá da terra  
Mil feias coisas dizia.

Chega-lhe a vez de trepar,  
Devido á sua finura,  
Esquece logo os pequenos,  
Sómente os grandes procura.

Quando o sol chega ao poente,  
Diz-se adeus a mais um dia ;  
A terra fica de lucto,  
Vae-se a luz que o céu cobria.

Quando amor chega a seu termo,  
Vão-se também as ternuras ;  
Perde o peito a luz que tinha,  
O peito fica ás escuras.

Quando um beijo te pedirem,  
Vê lá bem que vaes fazer ;  
Moça que um beijo cedeu,  
Muitos mais tem que ceder.

Os que só pedem um beijo  
Alargam-se e pedem dois,  
Pedem tres, e quatro e cinco . . .  
Sabe Deus que mais depois.

Este diz coisas de acerto,  
E' discreto em seu falar,  
Muito honrado e serviçal ;  
Mas nunca soube agradecer.

Aquelle, sem nenhum prestimo,  
De todos é estimado —  
Vale mais cair em graça  
Do que ser muito engraçado.

Chato de todo em idéas  
Mas em manhas amestrado,  
Com suas manhas alcança  
Um logar de deputado.

E, mal se encontra servido,  
Em vez da patria servir,  
Busca fazer do logar  
Um degrau para subir.

Se é feliz quem tem amores,  
Se tel-os se julga um bem,  
E' mais feliz com certeza,  
Mais feliz quem os não tem.

Mais feliz quem os não tem,  
Dizem homens de saber;  
Que bons que sejam amores,  
Dão mais pena que prazer.

Casou velha rica e tola  
Com moço de pouca idade;  
Elle cedeu ao interesse,  
Ella cedeu á vaidade.

Depois de tudo gastarem,  
Mal um anno ia acabado,  
Ella estava arrependida,  
E o moço bem castigado.

Parecem poucos os pratos  
Quando se tem muita fome;  
Mas, depois de alguns servidos,  
Mal dos outros já se come.

Amor que não enraiza  
Fica tambem farto em breve:  
Começa cheio de fogo,  
Acaba frio de neve.

Dentro do peito o rapaz  
Tinba a minal-o a Saudade;  
Que, onde a Saudade chegou,  
Foi-se de rir a voutade.

N'isto o rapaz sente um dia  
Em si alegre mudança. —  
Era a Saudade enxotada  
Do peito pela Esperança.

De varias combinações  
Que fez um sabio importante,  
Provou elle ser o amor  
Ao vinho bem semelhante :

Tomado em dóses pequenas,  
Dá calor ao coração ;  
Em dóses grandes tomado,  
Faz perder logo a razão.

Contra os rigores do inverno  
Sempre de abafos cercado,  
Tanto o que é rico resiste,  
Como o que é remediado.

Mas o pobre sem abafos  
Resiste de igual feitio. —  
Isto mostra que dá Deus  
A roupa conforme o frio.

Se pretendes ter saude  
Poupa o que tens na botica ;  
D'essa loja quem se serve,  
Se estava mal, peor fica.

Os que sempre andam contentes  
Cheios de vida e conforto,  
A's garrafadas preferem  
Garrafas de velho Porto.

Alguem, a velhos amores  
Que tinha no coração,  
Quiz juntar novos amores  
Para maior distraecção.

Velhos e novos se foram  
Ao saberem da traição.  
Quem tudo quer, tudo perde —  
Foi merecida a lição.

Com certos preparatorios  
Mais alguns annos de estudo,  
Um doutor em medicina  
Fica prompto a curar tudo.

E, se bem que elle se julgue  
De curar tudo capaz,  
São sempre mais os doentes  
Que as curas que o doutor faz.

Fingia ter pelo amante  
Uma paixão sobrehumana ;  
Era d'aquellas que dizem:  
«Teu amor e uma cabana !»

Mas, ao ver que a vida conta  
Seus momentos apertados,  
Trocou amor e cabana  
Por vestidos e toucados.

A loira mostra na pelle  
Da lua cheia a brancura,  
E nos cabellos a côr  
De uma seara madura.

Mas a linda moreninha . . .  
De tantas graças que tem,  
Basta a graça do olhar  
Para a todos prender bem.

De dia, corre as egrejas  
E reza aos santos do altar;  
De noite, vae surrateiro  
O pé ás santas beijar.

O pé ás santas beijar  
E' gostosa occupação.  
Mas, se beija o pé ás santas,  
Não finja de santarrão.

Um rapaz apaixonado,  
Em amor muito constante,  
Chorava, cheio de mágoa,  
As traições da sua amante.

Diz-lhe uma velha matreira:  
— Deita ao largo o coração,  
Que do cão as feridas cura  
O pêlo do mesmo cão.

Se o jardineiro se ausenta,  
Lá seccam de todo as flores —  
Ausencias entre os amantes  
Seccam tambem os amores.

E ninguem se julgue em termos  
D'esta regra desmentir;  
Que um amor, depois de secco  
Nunca mais torna a florir.

Sujeito que, sendo pobre,  
Anda vestido á peralta,  
Se tem de sobra impostura,  
De siso tem muita falta.

Os de bolsa recheada  
E' que podem vestir bem ;  
Os pobres — esses que vistam,  
Segundo as posses que têm.

Sejam embora os ingratos  
Mais que as areias no mar,  
A quem fôr bater-te á porta  
Nunca deixes de ajudar.

Que se confesse obrigado  
Talvez não tenhas ninguem ;  
Inda assim não desanimes —  
Faze o bem sem ver a quem.

Moça, que ouvindo uma graça,  
D'ella se ri sem córar,  
E' moça de alma lavada,  
Que não deseja enganar.

Moça, que ouvindo uma graça,  
D'ella se mostra agastada,  
E' moça mais que fingida,  
E' moça dissimulada.

Capitalista de fama,  
Tem palacios e jardins,  
Carruagens e lacaios,  
Dá banquetes e festins.



Com as cifras e milhões  
Faz jogos de Malabar,  
E d'este modo consegue  
Poeira aos olhos deitar.

Em senhoras apontadas  
Pela sua honestidade,  
Muito havia a rebater,  
Se se soubesse a verdade.

Muito havia a rebater,  
Que muitas são peccadoras;  
Mas a verdade se esconde,  
Que assim convém ás senhoras.

Não traves luctas de amor  
Se em boa paz viver queres,  
Que n'essas luctas quem vence  
São quasi sempre as mulheres.

Nem causa espanto que vençam,  
Pois, com suas munições,  
Ellas a meio da lucta  
Prendem logo os corações.

Em moço, com muitas moças  
Tudo que tinha gastou;  
Ficaram ricas as moças,  
Sem um *chavo* elle ficou.

Como á tola da cigarra,  
Foi-se-lhe o tempo em cantigas;  
E, se muito elle mirrou,  
Engordaram as formigas.

Em quarto muito sombrio  
Finou-se um velho cebento;  
Rico de bens da fortuna,  
Foi na vida um avarento.

A dobrar por morte d'elle  
Não se ouviram os sineiros;  
Mas, á vista de seus bens,  
Que festa para os herdeiros!

N'este mundo conhecido  
Por ser mundo enganador,  
Muitas vezes paga o justo  
Em logar do peccador.

E, se bem que a Providencia  
Deva o justo proteger,  
Fica a rir-se o peccador  
E o justo fica a gemer.

Nenhum homem pode haver,  
Por mais feliz que elle seja,  
Que a vontade satisfaça  
Em tudo quanto deseja.

Se a regra tem excepção,  
E' a favor da mulher,  
Que só ella, quasi sempre,  
Pode fazer o que quer.

Houve um santo virtuoso  
Que era em curas um primor;  
Só não tinha em suas drogas  
Remedios contra o amor.

Remedios d'essa virtude  
Não são faceis de encontrar,  
Pois amor ri-se de quem  
Seus golpes tenta curar.

Se a fé ampara os fieis,  
Se é dos bons a caridade,  
Só a esperança pertence  
A quem ama de vontade.

Quem amante bem confia,  
Quem de amante se não cança,  
Pode perder muita coisa,  
Que nunca perde a esperança.

Ao começo de se amarem  
Ella só queria uma flôr,  
Dizendo que outras lembranças  
Offendiam seu pudor.

Mas, notando que uma flôr  
Dentro em pouco desmercece,  
Lá foi pedindo ao amante  
Que tambem joias lhe desse.

Mulher má, que nunca soube  
Ter affectos nem ternuras,  
Em geral encontra um homem  
Que lhe dá muitas venturas.

Mulher boa e dedicada,  
Toda affectos e ternuras,  
Cae então nas mãos de um homem  
Que lhe dá só amarguras.

Foram-se as rolas em busca  
De comida para os ninhos,  
Vae o caçador matou-as,  
Ai! pobres dos passarinhos!

Como os pobres passarinhos,  
Quantas creanças tambem,  
Que vivem já sem carinhos  
Por terem perdido a mãe!

Chega o dia de finados,  
Ouvem-se os sinos dobrar;  
Entremos no cemiterio  
Por nossos paes a rezar.

Rezemos por nossos paes,  
Rezemos com devoção,  
Que amigos como elles foram  
Nunca os filhos mais terão.

Quando se ouvirem na rua  
Os cegos apregoar:  
— Folhinhas ou almanachs —  
Um anno vae acabar.

E, se vae um acabar,  
Outro vem logo em seguida;  
Que os annos são no andar  
Imagem da nossa vida.

A boa da cadellinha...  
Nada a pode consolar!  
Anda magra e sem comer,  
E não faz senão uivar.

Matará-m-lhe os cachorritos —  
D'ahi vem todo o seu mal.  
Amor de mãe pode muito,  
Mesmo em peito de animal.

Era o moço muito alegre,  
Muito amigo de brincar;  
Forte e sadio, era moço  
Para moças contentar.

Casou o moço, e depois  
Perdeu saude, alegria.  
E' que a mãe da sua noiva  
Foi fazer-lhe companhia.

Elle á moça pede um beijo,  
Um simples beijo na face;  
Vae ella responde ao moço  
Que em tal beijo não pensasse.

Mas o moço tanto pede,  
Que um beijo tem por favor —  
E' assim que principiam  
Os tiroteios de amor.

Durante os annos de vida  
Que por cá teve o marido,  
O bom do pobre do homem  
Pela mulher foi trahido.

Elle morre — eis a viuva,  
Toda mágoa e contricção —  
São missas pelo finado,  
Corôas sobre o caixão!

Em solteiro tinha fama  
De arrogante e de tyranno;  
A dar ordens, a gritar,  
Passava os mezes do anno.

Em casado mudou tanto  
Que ninguem já o percebe;  
Não dá ordens — isso sim! —  
E' elle quem as recebe.

Certo moço ouviu no peito  
O coração traquinar,  
A pedir-lhe que o deixasse  
O puro amor procurar.

Foi despachado o pedido.  
O coração viajou;  
Mas, depois de se cançar,  
O puro amor não achou.

Os beijos mudam na vida,  
Segundo muda a idade;  
Na velhice não ha beijos,  
Como os ha na mocidade.

Beijos dados entre moços  
Querem dizer affeição;  
Sómente dizem respeito  
Beijos que em velhos se dão.

Em rapaz ria-se muito  
Da devoção dos fieis,  
E dizia mal dos padres  
Em seus chochos aranzeis.

O tempo, que tudo gasta,  
Fel-o mudar com a idade.  
Agora . . . sermões e missas,  
Até juiz de irmandade!

Entre dois moços guapos,  
Busca a moça manobrar;  
Se fala a um com ternura,  
Terna ao outro vae falar.

Mas, ao cabo de algum tempo  
D'esta partida dobrada,  
Os moços viram o logro,  
E foi a moça a lograda.

Morreu um pobre operario,  
Já não recebe mais féria;  
Por morte d'elle, a familia  
Ficou toda na miseria!

Morreu tambem um ricaço,  
Deixou aos seus um milhão.—  
Foram boas sempre as lagrimas  
Choradas com muito pão!

Se um dia o moço a deixasse,  
Cançado de tanto amor,  
Jurava a moça matar-se  
Como allivio á sua dor.

O dia d'elle a deixar—  
Esse tal dia chegou;  
Mas a verdade tambem  
Foi que ella não se matou.

Ha casadinha com filhos  
— Filhos quasi de bigode —  
Que inda falta aos seus deveres  
Tantas vezes quantas pode.

Casadinha que a viver  
De tal maneira se presta,  
E' vergonha na familia,  
E' borrão na gente honesta.

Quasi sempre n'este mundo  
Andam todos ás escuras,  
Sendo, por falta de luzes,  
Que se cae nas desventuras.

Mas chega o dia da morte —  
Esse dia triste e serio,  
E todos são conduzidos  
Com luzes ao cemiterio!

Quem das moças desejar  
Prender bem o coração,  
Affirme ter mais amores  
Do que cifras um milhão.

Que o mostrar ser requêstado,  
Fingir paixões sem limites,  
E' mostarda que nas moças  
Muito aguça os appetites.

De febres morre o marido,  
E a pobre da viuvita  
Fica-lhe a morte a chorar  
Mezes e mezes afflicta.



Depois abranda a saudade,  
Começa a dôr a sarar,  
E a pobre da viuvita,  
Eil-a que torna a casar.

Mal o sol rompe no céu  
Com suas luzes doiradas,  
As sombras da noite escura  
Fogem do sol assustadas.

Com taes sombras se parecem  
Gatunos e namorados —  
Mal rompe o sol, todos elles  
Fogem do sol assustados.

Em paizes da Moirama  
Certo sultão governava,  
Que em festins, harens, viagens,  
O thesoiro esvasiava.

E taes milhões de piastras  
Foi gastando o sultão moiro,  
Que, no dia em que morreu,  
Deixou vasío o thesoiro.

Uma velha de alta roda  
Emprega certo elixir,  
Com que busca tolamente  
As suas brancas tingir.

As velhas devem ser velhas,  
Esquivar-se á garridice,  
Que a côr branca do cabelo  
E' adorno da velhice.

Mulher casada com homem  
De saber muito falado,  
Se resvala em ter amante,  
Escolhe um asno chapado.

E, quando seja o marido  
Homem de finas maneiras,  
Então o amante, é sabido,  
Fala como as regateiras.

E' triste coisa a cegueira,  
E' triste cego nascer,  
Passar os dias da vida  
Por esse mundo sem ver.

Mas ha cegueira maior,  
Cegueira mais deshumana,  
A cegueira que nos faz  
Estimar quem nos engana.

Os que ao jogo não têm sorte,  
Juram as cartas deixar,  
Para, no fim de alguns dias,  
Tornarem logo a jogar.

Os que em amor são trahidos,  
Juram fugir ás amantes;  
Mas tambem, dias depois,  
Eil-os mais presos que d'antes.

Se o moço fala ás bonitas,  
Todas lhe mostram enfado;  
Se entre as feias se demora,  
Fervem-lhe as provas de agrado.

A' vista de tal azar,  
Pode elle dizer tambem :  
Quem eu quero, não me quer,  
Quem me quer, não me convém.

Moça pobre, quando casa,  
Da solteira perde a graça ;  
E, se pobre vive sempre,  
Da cêpa torta não passa.

Moça pobre, assim casada,  
Deve ao padeiro e na tenda ;  
E, se tantos vivem ricos,  
Ella seus filhos remenda !

Nasce o rio e mal se vê,  
Depois cresce de repente ;  
Amor tambem, mal que nasce,  
Alastra como a corrente.

Alastra como a corrente,  
Causa ruinas, estragos,  
E deixa tristes lembranças  
Em troca dos seus affagos.

Palavras são como as cerejas ;  
Mal a primeira encetada,  
As outras vão a seguir,  
As outras vão de enfiada.

O mesmo tambem aos beijos  
Acontece de ordinario :  
Atraz de uns outros vão logo  
Como contas de rosario.

Nas romarias da vida  
Quem mais anda aos solavancos,  
Perde forças e saude,  
Ganha só cabellos brancos.

Ganha só cabellos brancos  
Que não quizera ganhar;  
Saude e forças perdidas—  
Essas não torna a cobrar.

Uma tormenta em que os raios  
Caíam do céu em cardume,  
Não é tormenta que eguale  
As tormentas do ciume.

Tormentas do céu amainam  
Quando o céu desannuvia;  
As outras—as do ciume—  
Atormentam noite e dia.

Passar os dias ao lado  
De um amor que se crê certo,  
E', assim como quem diz,  
Ter na terra um céu aberto.

Mas d'esse bem ser privado,  
Ao tal amor não falar,  
Em vez de céu é inferno,  
Que muito deve custar.

Nunca a nossa mãe commum  
Teria a maçã mordido,  
Se Deus lhe não prohibisse  
De pôr n'ella o seu sentido.

E, desde que Eva tal fez,  
O doce fructo prohibido  
Entre os fructos ficou sendo  
Fructo muito appetecido.

A' moça o moço pedia,  
Como prova de bondade,  
Que, ao deixar ella de amal-o,  
Não lhe negasse amisade.

E a moça então prometia  
Um amor de eternidade. —  
Passados iam dois mezes :  
Nem amor nem amisade !

Mulher pobre, que o trabalho  
Busca muito dedicada,  
Por excesso de trabalho  
Morre ás vezes esfalfada.

Mulher pobre, que o trabalho  
Deixa por vinho ou genebra,  
Essa não morre esfalfada,  
Que vaso ruim não quebra.

De humildes paes, chega a ser  
Com astucia rico e nobre ;  
Depois esquece a familia,  
Finge não ver quem é pobre.

E, sempre que a todos fala,  
Tem soberbas de villão —  
Que villões, feitos senhores,  
Mostram de prompto o que são.

Se o moço topa na fonte  
A moça o cantaro a encher,  
Por gostar de vel-a, o moço  
Finge sêde para a ver.

E, pondo o cantaro á bocca,  
Sem ter pressa vae bebendo ;  
Pois, quanto mais se demora,  
Mais elle a moça está vendo.

Quem não sente, se não soffre,  
Não pode gosar tambem,  
Que, se o sentir é um mal,  
Ao mesmo tempo é um bem.

O não sentir é andar,  
Se bem que vivo, a morrer ;  
Tratemos pois de sentir,  
Já que o sentir é viver.

Mal começa a madrugada,  
Mal se vê luzir o dia,  
Sente o moço na saccada  
Poisar uma cotovia.

E a cotovia, ao romper  
O seu cantar amoroso,  
Parece ao moço dizer :  
— Anda, acima, preguiçoso !

# REMOQUES

## I

Fez-se um medico agiota!  
Grande pasmo entre os viventes.  
Que desgraça para os pobres!  
Que allivio para os doentes!

Anda o Jasmim desejoso  
De se casar com a Rosa.  
Se os dois chegam a casar-se,  
Que geração tão cheirosa!

Teu amor faz contrabando,  
Não segue a estrada real;  
Tem cuidado elle não caia  
Nas mãos da guarda fiscal.

A' mulher de um seu amigo  
Faz de amor declarações.  
Amigos, diz o dictado,  
São para as occasiões.

Se dos teus olhos, menina,  
A luz brilhante me dás,  
Ficarei tendo mais luz  
Que muitos bicos de gaz.

— Casar! grita a solteirona,  
— D'esse mal Deus me proteja!  
E anda a ver se, para noivo,  
Apanha um velho que seja.

Que triste foi a paixão  
Do bom e meigo Jesus!  
Inda assim, crucificado,  
Da sogra não teve a cruz.

Andando ha muito a seguir-te,  
Vejo os meus passos baldados.  
Ao menos, paga-me as solas,  
Por tantos passos andados!

Quem o descanzo inventou  
Dizem que estar no céu ha de.—  
Pessoa que isto espalhou  
Tinha costella de frade.

Diz soccorrer a pobreza  
Com devoção e carinho,  
Pede-lhe um pobre, e responde:  
— Tenha paciencia, irmãozinho.

— Comer carne á sexta feira...  
— Isso por modo nenhum!  
E lá em casa o prior  
Nunca respeita o jejum.



Não te enfeites para amar  
Com essa cara, mulher;  
Que o que se quer tu não tens,  
E o que tu tens ninguém quer.

Ao senhorio que aumenta  
As rendas sem dó nem tino,  
Faça Deus perder os prédios,  
Faça Deus ser inquilino.

Financeiro que apregôa  
Seus projectos salvadores,  
Lembra dentista de feira  
Que tira dentes sem dores.

Jaz na cama um avarento,  
Cobre-o da morte o suor;  
Mas, para poupar remedios,  
Afirma que vae melhor.

—O peccado, meus irmãos,  
—É obra de Satanaz!...  
E quem tal diz vae peccando—  
Bem o préga frei Thomaz!

Teve um ar um intrigante,  
Os olhos ja arregala!  
Se d'esta vez inda escapa,  
Que fique ao menos sem fala.

Homem, que ao pé das mulheres  
Acanhado mostra ser,  
Traga na cinta uma roca,  
Não queira barbas trazer.

Juntou-se a fraude á virtude  
Para alliança formar;  
Ficou lograda a virtude  
Por não saber enganar.

Em dia de festa rija  
Faz uma despesa louca--  
Nos dias que se lhe seguem  
Faz então cruces na bocca.

Ao dar-te um beijo, disseste  
Nunca dar beijos de graça;  
Pois, meu bem, põe taboleta,  
Para aviso de quem passa.

Promettes muito, menina,  
Mas cumprir... isso é que não.  
Com tal systema pareces  
Deputado da nação.

A falar é mel e cerejas  
E ri a cada momento;  
Mas é rindo que elle apanha  
De juros trinta por cento.

Antes de amar, o rapaz  
Andava gordo e córado;  
Depois que deu em amar...  
Parece um figo passado.

Pela lingua morre o peixe,  
Ninguem lhe inveje tal morte.  
Tu tambem, por linguarcira,  
Devias ter equal sorte.

Na presença do papá,  
A menina é mosca morta;  
Vira costas o papá,  
Ao namoro ella abre a porta.

Primeiro amor infeliz;  
Segundo como o primeiro.  
Se de novo tenta a sorte,  
Sae-lhe infeliz o tereeiro.

De um traço de penna, o medico  
Mais que o juiz corta fundo:  
Este manda p'ra a cadeia,  
Aquelle p'ra o outro mundo.

A tolerancia é virtude  
Que em todos assenta bem;  
Não vão pedil-a aos devotos —  
Ninguem dá o que não tem.

Passa vida regalada,  
Só passeia a grande trote;  
Mas, se faz muita figura,  
Faz tambem muito calote.

Peralvilho que se gaba  
De fidalgas seduzir,  
O que seduz, quando muito,  
São creadas de servir.

Promette a estas casar,  
Jura áquellas affeição;  
E é sempre assim que das moças  
Prende o melro o coração.

Não ha de o mundo acabar  
Por falta de casamentos,  
Que, de noite, pelas ruas  
Os namoros são aos centos.

Parece pimpão de feira,  
Olha a todos de revés;  
Se um pequeno lhe respinga,  
Foge logo a sete pés.

Por saudades do seu bem,  
Arde em febre e cae na cama;  
Deita bichas, põe-se a caldos —  
Muito padece quem ama!

Apanhaste rosa aberta  
Por uma rosa em botão!  
A culpa foi tua só —  
Prestasses mais attenção.

No priminho te fiaste,  
Passando tu por ladina! —  
Agora chora na cama  
Que é parte quente, menina.

Diz que traz toda a justiça  
Fechada na sua mão;  
E' preso — vae o basofio  
Passa mezes na prisão!

Ao seu amante abre a porta,  
Mal do marido liberta.  
Que desleal concorrência  
A's que são de porta aberta!

Se da cabeça tirasses  
As farripas que lá pões,  
Ficava a tua cabeça  
Mais lisa que alguns melões.

Com a cara pintadinha  
De branco e fino alvaiado,  
És como a frente caiada  
De uma casa da cidade.

Todos te gabam os olhos  
Por serem muito rasgados ;  
Eu por mim gabo o pincel  
Com que elles foram pintados.

Um nariz d'essa grandeza  
Vence as sete maravilhas.  
Tal nariz, posto em Belem,  
Chega a ver-se de Cacilhas !

Ventas assim lembram logo  
As cavernas de um navio ;  
Qualquer d'ellas, se as medissem,  
Dava em largura o Rocio.

De faltas de ar está livre  
Quem essa bocca possúa ;  
Tu não tens bocca de gente,  
Tens a bocca de uma rua.

Teus beiços, da côr de ginjas,  
Que bonitos que elles são !  
Que pena ser essa côr  
Toda feita a vermelhão !

As tuas mãos são tamanhas,  
Que, em dias de sol bem quente,  
Postas em guisa de alpendre,  
Livram do sol toda a gente.

Teu pé que trazes em talas  
Espanta pela grandeza;  
Não é um pé, são seis pés —  
Que tantos marca a toeza.

Em altura, um quarto andar  
Exceder deves de certo;  
Tem de pôr-se n'umas andas  
Quem te queira ver de perto.

De figura tão pequena  
Podes crer que ninguém é;  
Se trouxesses fatos curtos,  
Passarias por bebé.

Um corpo d'essa gordura  
Não consta que haja existido;  
Um corpo tal, ao mover-se,  
Deixa o transito impedido.

De tão esguia magreza  
Parcees mesmo um florete;  
Se te apanha uma nortada  
Vaes ao ar como um foguete!

## II

Eu vou abrir uma loja,  
Destinada a vender ligas,  
Em que tenha por freguezas  
Só bonitas raparigas.

E, de ligas muitos pares  
Eu darei ás raparigas,  
Se ellas deixarem que veja  
Como lhes ficam as ligas.

O folgazão do tio Braz  
A beber é um portento,  
E os dias passa a beber  
Sem descansar um momento.

«Toma juizo» lhe dizem  
Amigos pelo caminho.  
— Tomar juizo? responde  
— E' bem melhor tomar vinho.

O meu bem nas suas cartas  
Costuma deitar borrões;  
Mas os borrões são das cartas  
Os mais pequenos senões.

O meu bem nas suas cartas  
Faz coisas como não ha:  
Escreve beijo com V,  
Escreve amor com H.

Muito alegre e satisfeito,  
A mim mesmo promettia  
Rir-me sempre da má sorte,  
Viver só para a folia.

Que rematada tolice  
Foi a promessa que fiz!  
Veiu amor bater-me á porta,  
Passei a ser infeliz.

Os teus retratos, menina,  
Já correm por tanta mão,  
Que até lembram os retratos  
De algum alto figurão.

Suppondo cada retrato  
Que a seu namoro foi dado,  
Talvez mais de cem namoros  
Tu já tenhas ajuntado.

Prometteste de me dar  
Uma gravata de gosto;  
E, desde então, na promessa  
Trago o meu sentido posto.

Mas corre o tempo e a gravata  
Ainda não houve quem visse;  
Talvez me chegue a gravata  
Quando me chegue a velhice.

Sempre muito embonecado,  
No vestir é um liró;  
Camisa de fino linho,  
Luneta de um vidro só;



Chapéo de seda lustrosa,  
Bota muito afiambrada;  
Tirem-lhe a capa de fóra —  
Por dentro não acham nada.

Não sabe o mano qual é  
Da velha mana o segredo,  
Que as feias brancas se afastam  
Da velha mana com medo.

Pudesse o mano attentar  
Nos pêlos da velha mana,  
Que veria os pêlos tintos  
Com agua circassiana.

Quando me viste negar-te  
As joias que me pedias,  
Respondeste que córavas  
Das minhas sovinarias.

Menina, por mim não córes,  
Que te pode isso affrontar;  
Córa por ti, que te sobram  
Motivos para córar.

Ella botou-me cartinha  
Pendurada n'um cordel.  
Mas, como estava a chover,  
Molhou-se todo o papel.

Não pude pois soletrar  
A cartinha do derriço;  
E não sei se perdi muito,  
Se ganhei muito com isso.

Tu dizes que o teu amor  
Excede o meu em desvello,  
E que é em seus alicerces  
Tão firme como um castello.

Tão firme como um castello . . .  
Tem graça a comparação!  
Só se o castello é de cartas  
Que um sôpro deita no chão.

Se no principio do mundo,  
Tirado por Deus do nada,  
Contra Deus peccou Adão,  
Foi Eva d'isso a culpada.

E, dês que tal succedeu,  
As filhas de Eva é que são  
Quem faz cá por este mundo  
Peccar os filhos de Adão.

Quando eu morrer raladinho  
Do mal que tu me fizeste,  
Manda-me pôr sobre a cova  
Um verde e triste cipreste.

Pois já, menina, que em vida  
Nenhum affecto me deste,  
Mostra, depois de eu morrer,  
Que podes dar-me um cipreste.

Ao saber que te ausentavas,  
Vi-me tão atrapalhado,  
Que obriguei o coração  
A deitar lucto pesado.

Mas como, depois de ausente,  
Pouco em mim tenhas pensado,  
Já mandei ao coração  
Deitar lucto alliviado.

Lá para as chammas que atcia  
O deus amor traiçoeiro,  
Não serve tocar a fogo,  
Nem mandar vir o bombeiro.

Que ha pouco tempoum bombeiro  
Em casa que ardia entrou,  
E, salvando uma pequena,  
Fez um fogo, outro apagou.

Moça em noites de relento  
Deixe a moços de falar,  
Pois o relento das noites  
Pode a moça constipar.

Amor gosta de dar ais,  
Amor vive a suspirar,  
O que não consta é que amor  
Tambem viva a espirrar.

Tem sido o moço em amores  
Tantas vezes enganado,  
Que, em vendo saias ao longe,  
Deita a fugir assustado.

E, depois de correr muito,  
Só se resolve a parar,  
Se lhe dizem que são saias  
Postas ao sol a córar.

Moça, prestes a casar,  
Ao seu noivo afirma e jura  
Que será sempre constante  
Nos affectos e ternura.

Mas, casada, esquece logo  
Tudo que disse primeiro,  
E na firma conjugal  
Mette por socio um terceiro.

Visinha — sabes que mais ? —  
Com esses grandes bigodes  
Poderás passar por homem,  
Por mulher é que não podes.

E, por mais que as tuas saias  
A rua quasi que tomem,  
Quem a cara te vir bem,  
Dirá sempre que és um homem

E's tão garrida, pretinha,  
Dos enfeites cuidas tanto,  
Que chegas a parecer-me  
Bonequinha de pau santo.

Vou dar-te para arrebiques  
Um conselho dos sensatos ;  
Se usam brancas pó de arroz,  
Usa tu pós de sapatos.

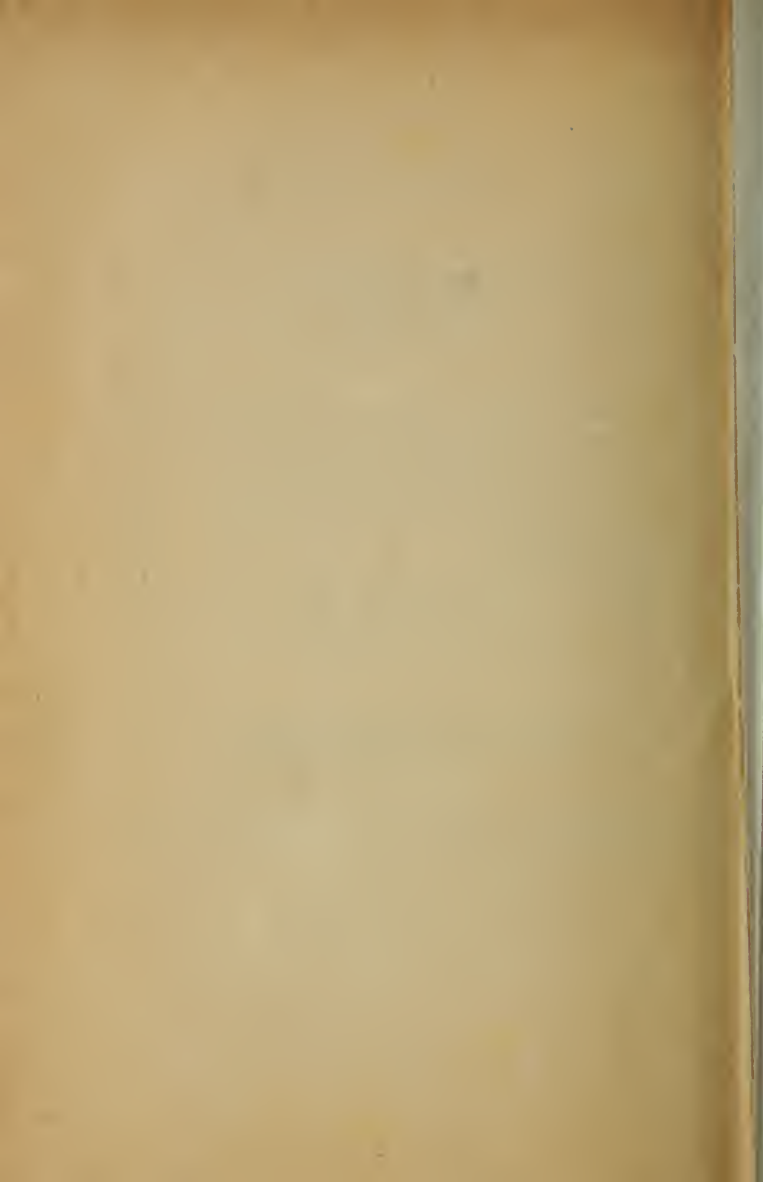
## INDICE

|  | Pag |
|--|-----|
| Carta do auctor a João de Deus . . . . . | 3   |
| Carta de João de Deus . . . . .          | 5   |
| Amores, queixumes e desenganos . . . . . | 7   |
| As quatro operações . . . . .            | 60  |
| Os nomes femininos . . . . .             | 109 |
| Fructos da experiencia . . . . .         | 141 |
| As quatro estações . . . . .             | 178 |
| Remoques . . . . .                       | 211 |

---

## ADVERTENCIA

Por descaminho de parte do original d'este livro, a composição, começada em 1895, só se concluiu em abril de 1897.





2

James B. Smith

22/1/41



PQ  
9261  
V473L9

Vidoeira, Pedro  
Lyrica popular

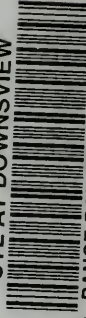
PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 01 03 001 2